Adufop
ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP - SEÇÃO SINDICAL

CHAMADA CULTURAL

Ouro Preto, Minas Gerais, 2021.

Diretoria ADUFOP - Gestão 2021-2023:
Presidente: Kathiuça Bertollo / ICSA
Vice-Presidente: Deborah Nascimento / ICSA
1ª Secretária: Joana Ferreira / ENUT
2ª Secretária: Karina Barbosa / ENUT
1ª Tesoureira: Rodrigo Ribeiro / ICSA/
2º Tesoureiro: Marcelo Donizete / ICHS

Conselho de Representantes
Luís Seixas
Rodrigo Nogueira
Alessandra Ribeiro
André Mayer
Davi Machado
Cláudia Amaral
Clarissa Rodrigues
Joaquim Toledo
Rodrigo Martoni
Vanessa Mosqueira

Organização e elaboração técnica do material:
Larissa Lana - Assessora de Comunicação ADUFOP.

Período das indicações: Maio de 2020 à Julho 2021.

Cartilha produzido pela Associação dos Docentes da Universidade Federal de Ouro Preto (ADUFOP) - Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN)
R. Antônio José Ramos, 65 - Bauxita.
CEP: 35400-000, Ouro Preto - MG.
Tel.: (31) 3551-5247
E-mail: secretaria@adufop.org.br
comunicacao@adufop.org.br
Site: www.adufop.org.br
Facebook: /adufop
Twitter: /adufopsindical
Instagram @adufop

Adufop
ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP – SEÇÃO SINDICAL

SUMÁRIO

Breve resgate acerca de intervenções culturais na ADUFOP 7

Apresentação — Editorial 9

Filme: Eles não usam Black Tie 10

Poema: Aos doutores da saúde mental 11

Texto: Vida Perdida 12

Texto: O amor é um sentimento digno de vida 13

Poema: Guayasamin e as mãos 14

Livro: Antifa - O Manual antifascista 15

Filme: Você não estava aqui 15

Canção: 12x sem manha 16

Poema: Dissidência ou a arte de dissidiar 17

Texto: Da quebra de máquinas à resistência às novas tecnologias: professoras, as novas Capitãs Swings? 18

Cantora: Mercedes Soza 20

Livro: Maquinação do Mundo - Drummond e a mineração 22

Canção: Sobradinho - Sá e Guarabyra 22

Livro: O cortiço 23

Música: Reis do Agronegócio 24

Filme: Retrato de uma jovem em chamas 27

Livro: S. Bernardo 27

Canção: Velha Roupa Colorida 28

Documentário: O Dilema das Redes 29

Livro: Grande Sertão: veredas 29

Canção: Gracias a la vida 30

Livro: Capitães de Areia 32

Filme: Pão e Rosas 32

Canção: Construção 33

Livro: Gênero, patriarcado, violência 35

Poema: Os ninguéns 35

Livro: O livro dos abraços 35

Canção: A mulher do fim do mundo 36

Filme: Chico Rei 38

Livro: Quarto de despejo - Diário de uma favelada 38

Canção: Fé Cega, Faca Amolada 39

Poema: A flor e a náusea 40

Canção: Inumeráveis 42

Livro: Os melhores contos brasileiros de todos os tempos 44

Livro: Mineração Realidades e Resistências 44

Canção: E Por Falar No Rei Pelé?! 45

Filme: Arpilleras - Atingidas Por Barragens Bordando a Resistência 46

Livro: Becos da Memória 46

Canção: Cartomante 47

Filme: Nise - O coração da loucura 48

Livro: Cem Anos de solidão 48

Documentário: Narrativas docentes - Luta das Mulheres 49

Música: Funeral de um lavrador 49

Obra: Do Porfirismo à Revolução 50

Canção: Como pajaros en el aire 51

Box: Contos Completos 52

Canção: Saga da Amazônia 52

Canção: É 54

Filme: Arábia 56

Canção: Cautela/Mordaça 56

Documentário: Vidas suspensas: Crimes da Mineração 57

Canção: Duerme negrito 58

Obra: As duas Fridas 60

Livro: O amanhã não está à venda 61

Música: Canção da América 62

Breve resgate acerca de intervenções culturais na ADUFOP

Em 2018 a ADUFOP iniciou o projeto Quintas Culturais, que visava proporcionar um ambiente de lazer e cultura na sede do sindicato. Os coordenadores dessa iniciativa foram os professores Hildeberto de Souza e Maria Rita Pires do Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente, Gabriela Gomes do Departamento de Museologia e André Mayer do Departamento de Serviço Social, então presidente da ADUFOP. Foram realizadas três edições, com a participação dos músicos Lucas Telles, Maxsuel Souza (Sancho) e Patrick Duprat. Os e as docentes ocuparam a sede da entidade e estes foram momentos importantes de aproximação e reconhecimento coletivo.

Reunião de organização das Quintas Culturais na sede da entidade, em junho de 2018 (Da esquerda para direita - Professor Joaquim Toledo, André Mayer, Hildeberto de Souza e Gabirela Gomes - Foto: Arquivo/ADUFOP

Em 2020, a então diretoria da ADUFOP retoma essa iniciativa por considerar a arte e suas expressões um elemento fundamental na e para a existência humana. No entanto, em função da pandemia da COVID-19, que impôs uma reorganização das atividades presenciais, a frente de atuação passou a ocorrer por meio da semanal Chamada Cultural. Tal iniciativa, de caráter coletivo e aberto, contou e conta com a colaboração de docentes, técnicos, estudantes da graduação e pós-graduação, ou seja, de toda comunidade acadêmica via indicações de filmes, livros, músicas, cantores e cantoras, expressões da pintura, poesia, dentre outras. As indicações recebidas/aprovadas são publicadas nas redes sociais e no site da ADUFOP às sextas-feiras.

Reforçamos que essa iniciativa teve continuidade a partir do início da nova gestão da entidade em maio de 2021. Nesse sentido, reforçamos que é uma ação coletiva, e que está aberta ao recebimento de indicação de obras de autoria própria ou de expressões artísticas e artistas que pautem os dilemas, as lutas, as resistências da classe trabalhadora brasileira, latino-americana. Devem ser encaminhadas para o e-mail comunicacao@adufop.org.br.

Compartilhamos alguns registros das Quintas Culturais e na expectativa de que, em breve, a ADUFOP possa retomar tais atividades, pós-pandemia, e em condições sanitárias adequadas para tanto.

Fotos: Larissa Lana/ADUFOP

Apresentação – Editorial

A Cartilha que ora lhes chega em mãos é resultado do compilado das Indicações Culturais semanais que vem ocorrendo desde primeiro de maio de 2020.

A organização em cartilha é impulsionada pela referência positiva de retornarmos a tais obras, artistas e expressões culturais e também para formarmos um acervo histórico-cultural dessa ação coletiva que contou e conta com a colaboração da comunidade acadêmica da UFOP.

A arte pode ser considerada um alimento à nossa subjetividade e um produto da nossa existência humano-genérica. Por meio da arte, do tomar partido pelo e pela artista, as manifestações e expressões artísticas são instrumentos e resultantes de avanços societários.

Nesse sentido, as indicações agora reapresentadas, são expressões da cultura e arte advinda da realidade concreta, das questões, dilemas e das lutas da classe trabalhadora brasileira, latino-americana. São expressões das resistências que travamos ao longo da nossa existência e na luta por uma sociabilidade distinta desta que cerceia a nossa plena liberdade e pleno desenvolvimento de habilidades e potências artísticas, inclusive e muito fortemente.

A partir do contexto trazido e imposto pela pandemia da COVID-19, em que o isolamento social é uma das ações necessárias para protegermos nossas próprias vidas, sentimos, e é reafirmada a importância de cuidarmos de nossa subjetividade, e nesse sentido, a arte ocupa papel fundamental, pois nos aproxima enquanto gênero humano e consequentemente nos fortalece.

Seja em momentos adversos e exigentes tal como o que estamos vivenciando pela pandemia, seja em momentos mais tranquilos e felizes, a arte é sempre essencial em nossas vidas. Convidamos todas e todos para que desfrutem e aproveitem desta Cartilha, bem como, se sintam instigados a compor a próxima edição através de indicações a este chamado semanal das Indicações Culturais ADUFOP.

Bom proveito!

Diretoria ADUFOP - Gestão 2021-2023

Filme: Eles não usam Black Tie

Ano: 1981

Direção: Leon Hirszman

Elenco: Carlos Alberto Riccelli, Bete Mendes, Fernanda Montenegro

Disponível em: Youtube.

Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião (Carlos Alberto Riccelli) e sua namorada Maria (Bete Mendes) decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio (Gianfrancesco Guarnieri), um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

Poema: Aos doutores da saúde mental

Autor: Douglas Aparecido

"Temos que nos cuidar uns dos outro para que a loucura não se torne uma sangria"

m.o.i

Declaro para todos os fins,
minha veemente e instituída loucura.
Aquela velha e boa,
descabida e maldizida.

A mesma,
que levou Zaratustra pra montanha,
Jesus pro deserto,
Ícaro pro Sol,
e Jonas pra Baleia.

A mesma,
que fez Quixote se atracar com moinhos,
Kafka perder-se em si mesmo.
Torquato Neto a matar-se num banheiro,
Cazuza a Viver amores inventados.
Nero a Botar fogo em Roma
e Moisés a cruzar o mar vermelho.

Permitam-me Drs da Saúde Mental,
por favor me respondam:
como manter a sanidade,
nesta ridicularizante sociedade?
como manter-se mudo,
diante de uma corja de boas-vidas,
pernas-longas e umbigos miúdos?
como levar a sério,
esta estrutura nefanda e carcomida
esta merda toda,
que só tem sido adoecedora e anti-vida?

Estou aqui sim vomitando palavras,
a verborragia é efeito do contágio,
estou doente, veementemente demente
de mente cheia de tudo isto!

Trago em mim o cansaço dos justos injustiçados,
sou o eco dos gritos amordaçados.

Drs, por favor, me respondam, tem remédio?
tem? remédio?
por mim vos digo,
tomem receita,
loucura pouca é bobagem:
eis o antídoto contra esta antibiótica sacanagem!

Douguinissimo *@barroco_afrofuturista*

Texto: Vida Perdida
Autora: Simone Caitano

Vida Perdida

05h00 da manhã. Ele acordou. Estava atrasado, pois sempre acordava às 04h30. Se arrumou rapidamente. Preparou o seu café em tempo recorde. Estava pronto para sair: mais um dia de trabalho.

Sua rotina era árdua. Pegava dois ônibus de linha para chegar ao seu trampo. Um tanto exaustivo. Busão sempre lotado. Às vezes o motorista passava direto. Ele respirava fundo e esperava o próximo.

No local de trabalho, o patrão vez ou outra o questionava o porquê do atraso. Mal sabia que ele enfrentava uma batalha e tanta só para estar ali.

Precisava do dinheiro. Tinha necessidades básicas: moradia, alimentação, contas. Não era questão de escolha.

Neste dia, depois de pronto, ele abriu a porta de sua casa e, como de costume, olhou para o céu e deu bom dia. Acreditava nas energias do universo. Para ele não era um simples bom dia. Era algo sagrado. Como quem olha para as estrelas e faz um pedido, crendo que um dia obterá o retorno, ou talvez respostas. Ou como quem se banha numa cachoeira, acreditando que está se renovando.

Escutou barulhos assustadores. Tiroteio. Cedo assim e a favela já acordava com o som do fuzil. A realidade sempre o chamava. Não tinha como fugir.

Ele não podia perder mais um dia de trabalho. Já tinha faltado semana passada. E o recado havia sido dado: “mais uma e tá no olho da rua”. Logo ele, que sempre esteve no olho do furacão. Era um leão por dia. Outrora, era a selva inteira.

Saiu de seu lar cautelosamente. Quando o tiro parecia perto, colocava os dedos nos ouvidos como um menino assustado que pede socorro.

Ele não detestava a vida, nem seu povo favelado, nem tampouco a periferia. Mas odiava o modo como vivia. Não era algo agradável. Também não era muito fã de polícia. Já tinha tomado muito tapa na cara voltando do serviço.

Ele apressou os passos. Precisava sair daquele espaço. Tava correndo sérios riscos. Mas já estava acostumado.

Num segundo, pá... Ele caiu. Foi atingindo vorazmente por uma bala na cabeça.

Caído no chão, seu sangue derramou. Sua mochila continuou nas costas. Uma lágrima ele derramou. Sabia que não iria sobreviver. Uma dor insuportável o tomava. Ele gemeu e suspirou pela última vez. Seus olhos abertos permaneceram: um contato direito entre a terra e o céu. Talvez fosse um pedido, e pela lágrima que acompanhava, há quem diga ecoava por paz e justiça.

Cá entre nós, não era bala perdida. Foi achada, como sempre, num corpo periférico.

O tempo do nada mudou. O céu escureceu e chorou. Mais uma vida perdida. Mais um negro para as estatísticas.

Simone Cristina Caitano. *(@caitano_simone @dreamy.black)*

Texto: O amor é um sentimento digno de vida
Autor: Matheus Matos

O amor é um sentimento digno de vida.
Estamos vivendo, sem dúvidas, o maior desafio da nossa geração. Há uma mistura de conflitos entre as várias concepções de mundo da humanidade. Religião e ciência sempre terão certos conflitos. Com o tempo, quem sabe com muita fé, esses conflitos se acabem. Apenas um teste verdadeiro pode deixar as coisas muito claras. Independente da concepção pessoal de cada pessoa. O mundo pode conviver com a religião e acreditar na ciência como uma maneira óbvia de garantir a existência dos seres humanos. Algumas pessoas precisam do místico para coexistirem com a natureza. Outras não. Mas está ficando claro que a balança não pode pesar para o lado da irracionalidade. Sem a ciência, os desafios da nossa existência nos vencerão. E será o fim. O que aprenderemos de toda essa experiência que estamos vivendo ficará guardado para as próximas gerações e, somente com a dose certa de educação, elas poderão triunfar. Sem isso, cada desafio será devastador para os nossos filhos e netos. Confesso que, pra mim, há uma descoberta em cada momento que vivemos essa experiência. Eu estou sempre angustiado com as mortes que estão acontecendo, com o sofrimento das pessoas menos favorecidas e sem dúvida com o egoísmo que surge claramente em algumas pessoas que são privilegiadas. O que faria aprendermos a respeitar a vida acima de qualquer riqueza? O que seria mais importante do que a existência de uma pessoa? Essas coisas estão vindo à tona de uma maneira devastadora. E isso, com certeza, me faz sofrer. E por isso, certamente, eu lutaria. Eu lutaria pelo direito que as pessoas têm da sua existência. Não sou perfeito, posso estar errando em muitas coisas nessa experiência. Eu simplesmente mergulhei no trabalho e, muitas vezes, sinto que deveria ser mais presente no combate pela vida. É certo que essa quarentena está despertando novamente a poesia que existe em mim. Vejo ela crescendo a cada dia. Trabalho e poesia, às vezes, parecem não poder coexistir no mesmo ambiente. Já dizia o poeta Sérgio Vaz “rotina é máquina de moer gente”. Mas a poesia que vive em mim parece resistente. Eu poderia usar a poesia no combate à ganância do homem. De fato, já o fiz muitas vezes. Mas eu sou só uma semente, no meio de muitas sementes, no meio de um mundo inteiro. Minhas sementes às vezes não vingam. Tem alcance limitado. Não acessa a mente e os corações das pessoas que precisam de conforto da maneira certa. Mas essa é a única arma que tenho para lutar nesse mundo injusto e que avassala a existência da vida. Esse é um texto de momento. De transição. Poesia/Trabalho/Poesia. E eu só queria deixar registrado que sinto muito que milhares de pessoas estejam perdendo suas vidas e que outras tantas estejam perdendo o amor de suas vidas. É um pedaço de mim que vai quando imagino uma criança sem o pai, uma mãe sem seu filho, um homem sem sua mulher e uma mulher sem seu homem. É um pedaço de mim que vai ver tantas pessoas perdendo seus amores. O amor é um sentimento digno de vida.

(Matheus Matos)

Poema: Guayasamin e as mãos
Autor: Yuri Moura

paralelepípedos anônimos
me levam pelas ruas
na padaria, me esperam
pães anonimamente crocantes

o colchão em que me deito
não traz consigo assinatura
tampouco as tão brancas cortinas brancas

anônima anestesia
cerveja quente
cachaça fria

no rótulo, um pinguim, ou dois
mas sabemos todos
pinguim não fabrica cerveja

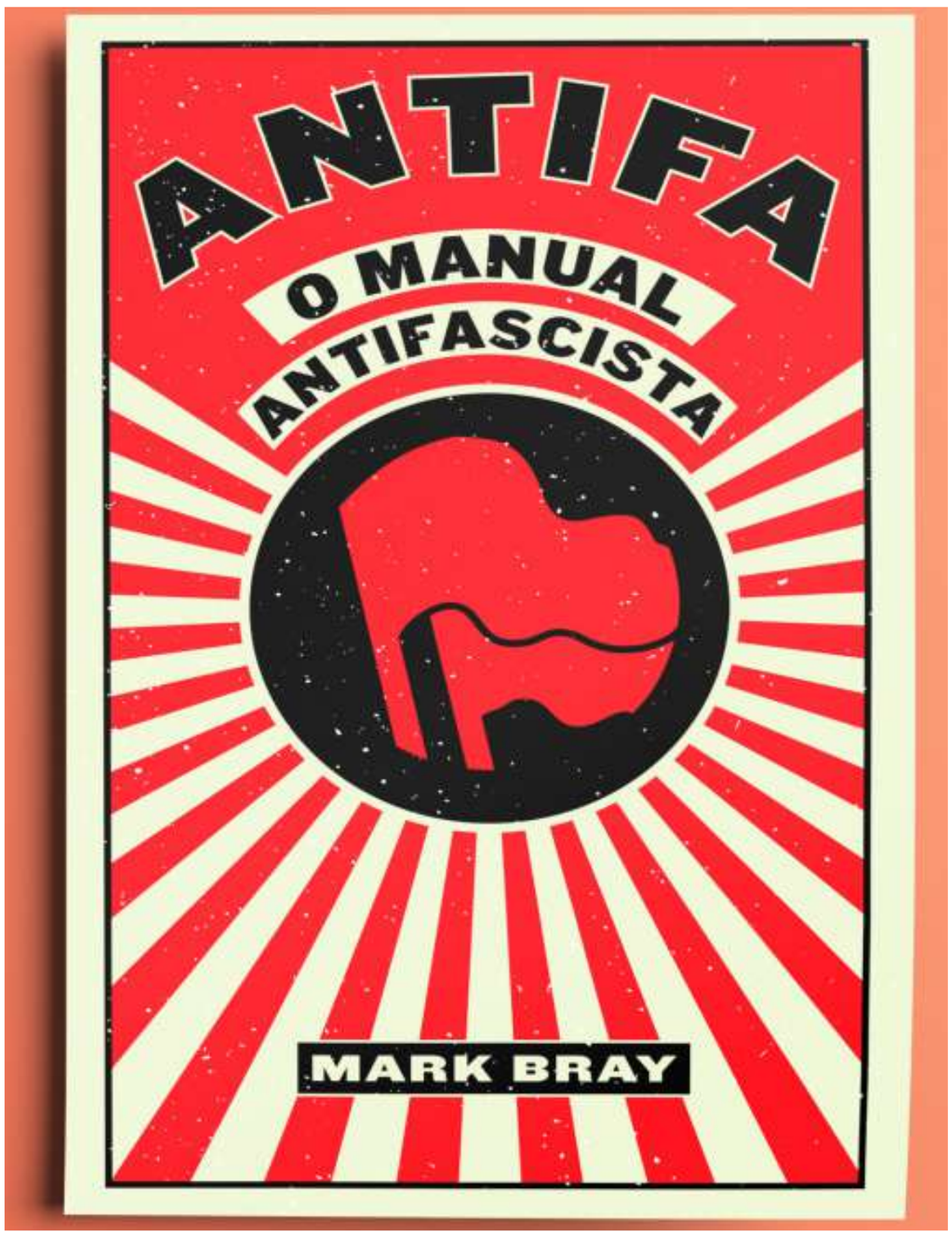
ironicamente
os - anônimos - produtos
se inscrevem nas gentes
assinam duras rubricas duras
no espírito das gentes
que calejam das palmas da mão
aos ossos da criatividade

Poema: Das voltas que o mundo - não - dá
Autor: Yuri Moura

a - mesma - faca de
outrora
rasga a - mesma - carne
agora

mesma maria
mesmo francisco
mesmo chico
mesmo Chicote
mesmo lombo
mesmo limbo

Livro: Antifa - O Manual antifascista
Autor: Mark Bray



Desde que existe o fascismo, existe o antifascismo – também conhecido como "antifa". Nascido da resistência a Mussolini e Hitler na Europa durante os anos 20 e 30, o movimento antifa chegou subitamente às manchetes em meio à oposição ao governo Trump, a ascensão da alt-right e o ressurgimento de grupos de supremacistas como o Klu Klux Klan.

Em uma inteligente e emocionante investigação, Mark Bray, historiador e um dos organizadores do Occupy Wall Street, nos oferece um olhar único de dentro do movimento, incluindo uma pesquisa detalhada da história da antifa desde suas origens até os dias de hoje – a primeira história mundial do antifascismo no pós-guerra. Baseado em entrevistas com antifascistas de todo o mundo, o livro detalha as táticas do movimento antifa e a filosofia por trás dele, oferecendo insights sobre a crescente, mas ainda pouco compreendida, resistência contra à extrema-direita.

Filme: Você não estava aqui
Direção: Ken Loach

Disponível em: Telecine.

Em Você Não Estava Aqui, após a crise financeira de 2008, Ricky e sua família se encontram em situação financeira precária. Ele decide adquirir uma pequena van, na intenção de trabalhar com entregas, enquanto sua esposa luta para manter a profissão de cuidadora. No entanto, o trabalho informal não taz a recompensa prometida, e aos poucos os membros da família passam a ser jogados uns contra os outros.

Canção: 12x sem manha
Autor: Zé Miranda

12x sem manha

O tio sam não é santo
o santo não faz milagre
entregue o dízimo ao padre
mas negue aquele pecado

dívida em doze vezes
essa injustiça tamanha
e nos dois primeiros meses
pague sem juros sem manha

mas compre uma geladeira
pra congelar sua dúvida
corre bastante na esteira
pra ver se foge da vida

consulte a cartomante
jogue seus búzios e assim
que tomar o seu calmante
faz um poema pra mim

metrificado inteiro
em redondilha maior
que é pra soar brasileiro
e ter medida essa dor

Poema: Dissidência ou a arte de dissidiar

Autor: Mauro Iasi

Dissidência ou a arte de dissidiar
Há hora de somar
E hora de dividir.
Há tempo de esperar
E tempo de decidir.
Tempos de resistir.
Tempos de explodir.
Tempo de criar asas, romper as cascas
Porque é tempo de partir.
Partir partido,
Parir futuros,
Partilhar amanheceres
Há tanto tempo esquecidos.
Lá no passado tínhamos um futuro
Lá no futuro tem um presente
Pronto pra nascer
Só esperando você se decidir.
Porque são tempos de decidir,
Dissidiar, dissuadir,
Tempos de dizer
Que não são tempos de esperar
Tempos de dizer:
Não mais em nosso nome!
Se não pode se vestir com nossos sonhos
Não fale em nosso nome.
Não mais construir casas
Para que os ricos morem.
Não mais fazer o pão
Que o explorador come.
Não mais em nosso nome!
Não mais nosso suor, o teu descanso.
Não mais nosso sangue, tua vida.
Não mais nossa miséria, tua riqueza.

Tempos de dizer
Que não são tempos de calar
Diante da injustiça e da mentira.
É tempo de lutar
É tempo de festa, tempo de cantar
As velhas canções e as que ainda vamos inventar.
Tempos de criar, tempos de escolher.
Tempos de plantar os tempos que iremos colher.
É tempo de dar nome aos bois,
De levantar a cabeça
Acima da boiada,
Porque é tempo de tudo ou nada.
É tempo de rebeldia.
São tempos de rebelião.
É tempo de dissidência.
Já é tempo dos corações pularem fora do peito
Em passeata, em multidão
Porque é tempo de dissidência
É tempo de revolução.

Texto: Da quebra de máquinas à resistência às novas tecnologias: professoras, as novas Capitãs Swings?

Autor: Luciano Mendes

Disponível em: Blog do Pensar a Educação.

Outro dia, em conversa com alguns colegas, falávamos sobre as dúvidas, incertezas e inseguranças que vivemos nestes tempos de aulas remotas e com a presença ostensiva das diversas tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. Para muitos, a face mais visível destas tecnologias são os computadores e os celulares e, não poucas vezes, tais instrumentos objetivam uma ameaça que há muito paira sobre nossas cabeças: o fim da docência.

Não são de hoje, e muito menos devido à pandemia, os discursos sobre a obsolescência das professoras e dos professores. Desde pelo menos a generalização da emissão radiofônica e dos aparelhos de rádio que se vaticina que as tecnologias substituiriam, com melhor proveito e economia, os professores nas relações de ensino e aprendizado escolares e paraescolares. De lá para cá, há um conjunto muito expressivo de grupos políticos e empresariais interessados em fazer valer essa máxima, tanto em razão dos lucros que almejam nesse imenso mercado que é a *"educação escolar"*, quanto da muito maior facilidade de controle político, pedagógico e cultural que as máquinas permitem quando comparadas às professoras e aos professores esparramados pelo imenso território nacional.

Não é sem razão, pois, que a intensificação da presença das tecnologias no ambiente escolar e, agora, a adoção da educação remota e o aumento do empresariamento da educação tragam insegurança de cada um de nós professores e professoras, e dos coletivos que em nós organizamos, quanto ao futuro de nossa profissão.

Esse sentimento, amplamente disseminado, me fez lembrar os estudos sobre a resistência dos trabalhadores urbanos e rurais ingleses, na passagem do século XVIII para o XIX, em relação à adoção das máquinas e à mecanização do trabalho. Por um longo período, houve uma resistência mais ou menos organizada contra a mecanização do trabalho porque isso, dentre outras coisas, trazia pobreza, desemprego e morte para a população mais pobre.

Durante um longo período da história, tais movimentos forram interpretados como resistências obsoletas e arcaicas contra a entrada revolucionária e benéfica das novas formas de produção capitalista. No entanto, em um clássico estudo sobre tais movimentos, publicado sob o título de Capitão Swing, E. Hobsbawm e G. Rudé reinterpretavam o movimento ludista inglês e nos mostraram os sentidos da ação coletiva dos trabalhadores frente à expansão capitalista e na organização das revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX. No livro, a ação coletiva ganhava sentido e desfazia-se a ideia de uma ação irracional dos trabalhadores contra a inexorabilidade do capitalismo.

No caso estudado, E. Hobsbawm e G. Rudé, o movimento, liderado por um lendário Capitão Swing, reagia contra a mecanização do campo e, numa de suas resistências mais específicas, contra uma máquina de descaroçar algodão, que deixava os camponeses sem trabalho e passando fome no inverno. No entanto, o estudo mostrava, também, que os trabalhadores ingleses sabiam estar em jogo todas as suas culturas, seus saberes, seus modos de vida e de sobrevivência, e buscavam lutar contra as ameaças com as armas que tinham.

Dessa luta aparentemente inglória e, para muitos, irracional, resultou, segundo os autores do Capitão Swing, vitórias expressivas para o movimento operário e camponês da Inglaterra: imediatamente, uma retração da mecanização das atividades manuais e, no tempo mais longo, um aprendizado coletivo de fundamental importância para a luta operária que se desenvolveria nas décadas e séculos posteriores.

Retorno, pois, a essa história com o propósito de refletir sobre a nossa situação *"professoral"* hoje em dia e convidar aos(às) colegas professores e professoras a pensarmos sobre a "inevitabilidade" da assunção dos modelos educacionais baseados no uso intensivo das tecnologias e do "inevitável" impacto disso na configuração e, mesmo, existência da profissão docente. De outra parte, numa perspectiva mais ampla, não se pode esquecer o impacto disso tudo na produção e reprodução de novas e velhas desigualdades escolares e, por suposto, sociais, políticas, econômicas e culturais.

Os medos que tomam de assalto a docência, hoje, não são contra o novo e as benesses dos usos das tecnologias, como anunciam peremptoriamente os arautos do liberalismo político-econômico incrustados nos governos, nas fundações e nas empresas educacionais. Teme-se a morte, o desemprego, o baixo salário, o esvaziamento da cultura profissional e a intensificação do trabalho. Teme-se pela sorte dos alunos e das alunas sem internet e condições de moradia adequadas, o aumento das desigualdades escolares e sociais.

Não há nada de irracional, doentio ou passadista na resistência que hoje se apresenta contra a intensificação dos usos das tecnologias na educação. Nesta luta pelos sentidos da educação, seja no espaço público ou não, há muito mais em jogo do que os supostos *"tradicionalismo e corporativismo"* docentes, pois as professoras seriam avessas às mudanças e aos aprendizados de novo tipo. A luta diuturna é pela garantia da qualidade da escola e contra a produção de novas desigualdades escolares e a reprodução daquelas que nos assola há séculos.

Muitas das propostas que hoje são apresentadas por belas propagandas e lindos pactos educacionais, não têm como alvo apenas a autonomia docente, o protagonismo das comunidades escolares e as enormes diversidades que nos constituem, tidas e havidas como insuportáveis cultural, política e pedagogicamente pelos arautos do novíssimo entusiasmo pela educação. Eles objetivam a reprodução de antigas e a produção de novas condições de expansão do capital e de seus lucros, e de submissão político-cultural-econômica-epistemológica da maioria da população aos desígnios estabelecidos pela tecnoburocracia.

É legítimo resistir! É necessário resistir! E nunca é demais lembrar Walter Benjamin, que já há quase um século nos ensinava:

"Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo."

Cantora: Mercedes Soza

Música: Todo cambia

Disponível em: Youtube.

Mercedes Soza, cantora argentina, uma das mais relevantes vozes da América Latina e do mundo. Apelidada carinhosamente de 'La Negra' pelos fãs, ficou conhecida como a voz dos "sem voz". Em suas canções e interpretações são apresentados os dilemas e dores, mas também, e muito fortemente, toda a potência e a resistência dos povos latino americanos. Possui uma vasta e preciosa discografia que traz a cultura e o folclore latino/ameríndio em primeiro plano. Esta indicação à sua obra é em referência ao último dia 09 de julho, dia em que completaria 85 anos de idade. Fica a homenagem da diretoria da ADUFOP à Mercedes Sosa e o convite para que conheçam esta tão importante artista.

Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo

Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Cambia el más fino brillante
De mano en mano, su brillo
Cambia el nido el pajarillo
Cambia el sentir un amante

Cambia el rumbo el caminante
Aunque esto le cause daño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Cambia el Sol en su carrera
Cuando la noche subsiste
Cambia la planta y se viste
De verde en la primavera

Cambia el pelaje la fiera
Cambia el cabello el anciano
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
Pero no cambia mi amor
Por más lejos que me encuentre
Ni el recuerdo, ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente

Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Pero no cambia mi amor
Por más lejo que me encuentre
Ni el recuerdo, ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente

Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Livro: Maquinação do Mundo - Drummond e a mineração
Autor: José Miguel Wisnik
Ano: 2018

Numa viagem a Itabira, cidade natal de Drummond, José Miguel Wisnik se deparou com traços do passado e sinais contemporâneos que levaram à elaboração de Maquinação do mundo. Wisnik identifica na atividade mineradora uma questão crucial para um escritor apegado ao provinciano lugar de origem e ao mesmo tempo marcado por um sentimento cosmopolita do vasto mundo. Com Maquinação do mundo, Wisnik não apenas reposiciona a obra de Drummond como torna evidente a dimensão política de que a arte e a cultura se investem hoje.

Canção: Sobradinho - Sá e Guarabyra
Intérprete: Edvaldo Cesar Rocha

Disponível em: Facebook ADUFOP

O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o Sertão ia alagar
O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar
O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar
O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, adeus
Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Adeus, adeus

Livro: O cortiço

Autor: Aluísio Azevedo

Ano: 1890 (Primeira edição)

Famílias inteiras empurradas pela pobreza a lugares sem as mínimas condições de higiene e saúde, expostas ao perigo. A desigualdade entre ricos e despossuídos. Mulheres sendo exploradas. Uns poucos felizardos que são favorecidos graças a uma série de bons contatos. Essa história é antiga e ainda hoje marca nossa sociedade. Por essas razões e também por sua imensa qualidade literária, O cortiço continua como um dos mais poderosos retratos da realidade brasileira – em qualquer tempo. Um clássico da nossa literatura que, passado mais de um século de sua publicação original, mantém intacto seu poder de emocionar e indignar.

"A originalidade do romance de Aluísio está nesse coexistência íntima do explorado e do explorador" - Antonio Candido

Música: Reis do Agronegócio

Intérprete: Chico César

Composição: Carlos Rennó/Chico César

Disponível em: Youtube.

Ó donos do agrobiz, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimento com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
E que possuem cada qual um latifúndio
E que destratam e destroem o ambiente
De cada mente de vocês olhei no fundo
E vi o quanto cada um, no fundo, mente

Vocês desterram povaréus ao léu que erram
E não empregam tanta gente como alegam
Vocês não matam nem a fome que há na terra
Não alimentam tanto a gente como pregam
É o pequeno produtor que nos provê e os
Seus deputados não protegem, como dizem
Outra mentira de vocês, Pinóquios velhos
Vocês já viram como ‘tá o seu nariz, hein?

Vocês me dizem que o Brasil não desenvolve
Sem o agrebiz feroz, desenvolvimentista
Mas até hoje na verdade nunca houve

Um desenvolvimento tão destrutivista
É o que diz aquele que vocês não ouvem
O cientista, essa voz, a da ciência
Tampouco a voz da consciência os comove
Vocês só ouvem algo por conveniência

Para vocês, que emitem montes de dióxido
Para vocês, que têm um gênio neurastênico
Pobre tem mais é que comer com agrotóxico
Povo tem mais é que comer se tem transgênico
É o que acha, é o que disse um certo dia
Miss motosserrainha do desmatamento
Já o que acho é que vocês é que deviam
Diariamente só comer seu alimento

Vocês se elegem e legislam, feito cínicos
Em causa própria ou de empresa coligada
O frigo, a multi de transgene e agentes químicos
Que bancam cada deputado da bancada
'Té comunista cai no lobby antiecológico
Do ruralista cujo clã é um grande clube
Inclui até quem é racista e homofóbico
Vocês abafam, mas 'tá tudo no Youtube

Vocês que enxotam o que luta por justiça
Vocês que oprimem quem produz e que preserva
Vocês que pilham, assediam e cobiçam
A terra indígena, o quilombo e a reserva
Vocês que podam e que fodem e que ferram
Quem represente pela frente uma barreira
Seja o posseiro, o seringueiro ou o sem-terra
O extrativista, o ambientalista ou a freira

Vocês que criam, matam cruelmente bois
Cujas carcaças formam um enorme lixo
Vocês que exterminam peixes, caracóis
Sapos e pássaros e abelhas do seu nicho
E que rebaixam planta, bicho e outros entes
E acham pobre, preto e índio tudo chucro
Por que dispensam tal desprezo a um vivente?
Por que só prezam e só pensam no seu lucro?

Eu vejo a liberdade dada aos que se põem
Além da lei, na lista do trabalho escravo
E a anistia concedida aos que destroem
O verde, a vida, sem morrer com um centavo
Com dor eu vejo cenas de horror tão fortes

Tal como eu vejo com amor a fonte linda
E além do monte o pôr-do-sol porque por sorte
Vocês não destruíram o horizonte ainda

Seu avião derrama a chuva de veneno
Na plantação e causa a náusea violenta
E a intoxicação em adultos e pequenos
Na mãe que contamina o filho que amamenta
Provoca aborto e suicídio o inseticida
Mas na mansão o fato não sensibiliza
Vocês já não tão nem aí co'aquelas vidas
Vejam como é que o agrobiz desumaniza

Desmata Minas, a Amazônia, Mato Grosso
Infecta solo, rio, ar, lençol freático
Consome mais do que qualquer outro negócio
Um quatrilhão de litros d'água, o que é dramático
Por tanto mal, do qual vocês não se redimem
Por tal excesso que só leva à escassez
Por essa seca, essa crise, esse crime
Não há maiores responsáveis que vocês

Eu vejo o campo de vocês ficar infértil
Num tempo um tanto longe ainda, mas não muito
E eu vejo a terra de vocês restar estéril
Num tempo cada vez mais perto, e lhes pergunto
O que será que os seus filhos acharão de vocês
Diante de um legado tão nefasto
Vocês que fazem das fazendas hoje um grande deserto verde
Só de soja, de cana ou de pasto?

Pelos milhares que ontem foram e amanhã serão
Mortos pelo grão-negócio de vocês
Pelos milhares dessas vítimas de câncer
De fome e sede, fogo, bala e de AVC's
Saibam vocês que ganham com um negócio desse
Muitos milhões, enquanto perdem sua alma
Que eu me alegraria se vocês morressem
Saibam que não me causaria nenhum trauma

Eu me alegraria se afinal morresse
Esse sistema que nos causa tanto trauma

Eu me alegraria se vocês morressem
Talvez assim a terra enfim encontrasse calma

Filme: Retrato de uma jovem em chamas

Direção: Céline Sciamma

Ano: 2019

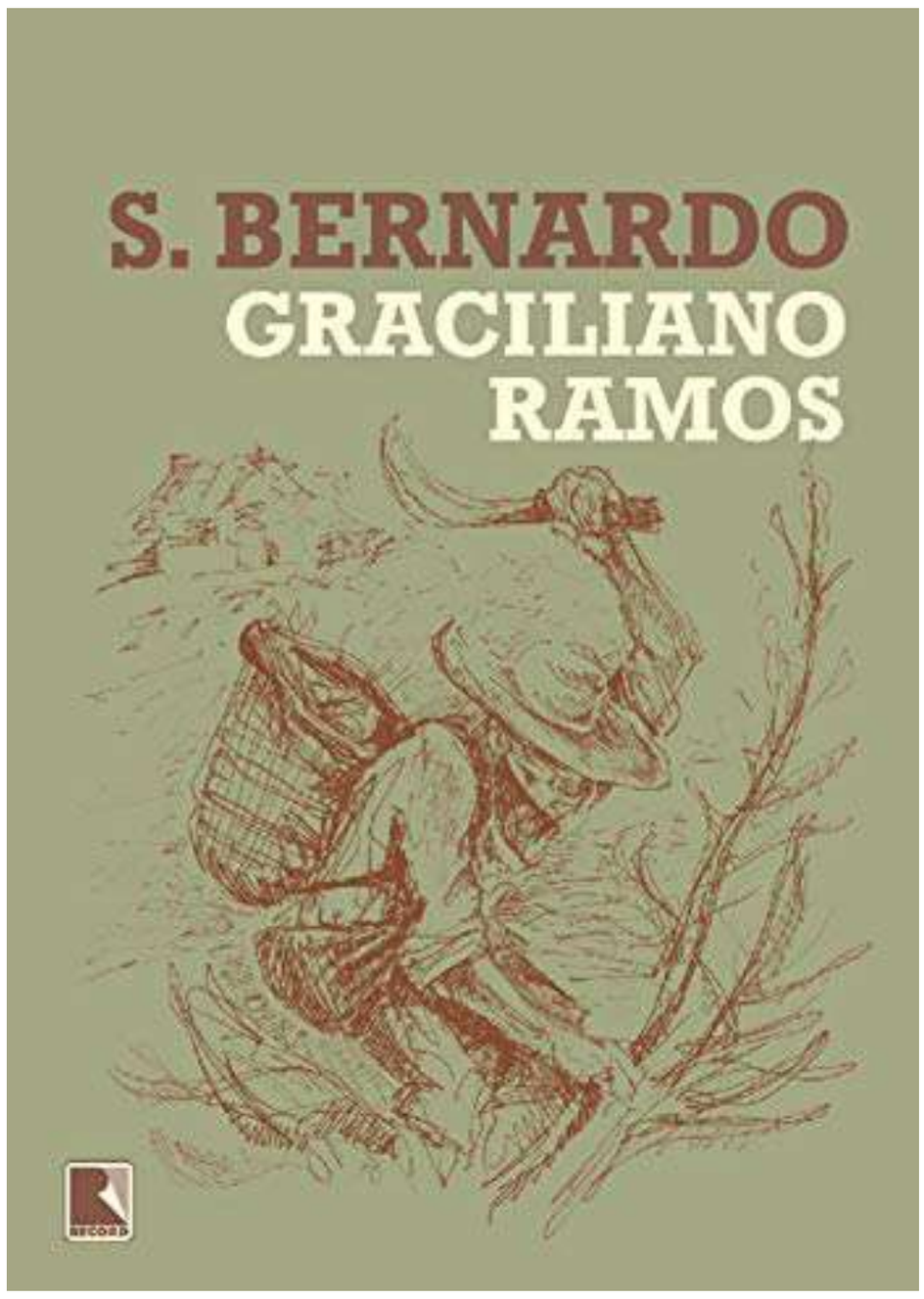
Disponível em: Telecine.

França, 1770. Marianne, uma pintora, é contratada para fazer o retrato de casamento de Héloïse, jovem recém-saída do convento. Héloïse é uma relutante candidata à noiva e Marianne deve pintá-la sem que ela saiba. A artista a observa durante o dia e dedica-se ao quadro em segredo. Prêmio de melhor roteiro e vencedor da Palma Queer, para filmes de temática LGBT, no Festival de Cannes 2019.

Livro: S. Bernardo

Autor: Graciliano Ramos

Ano: 1934 (Primeira edição)

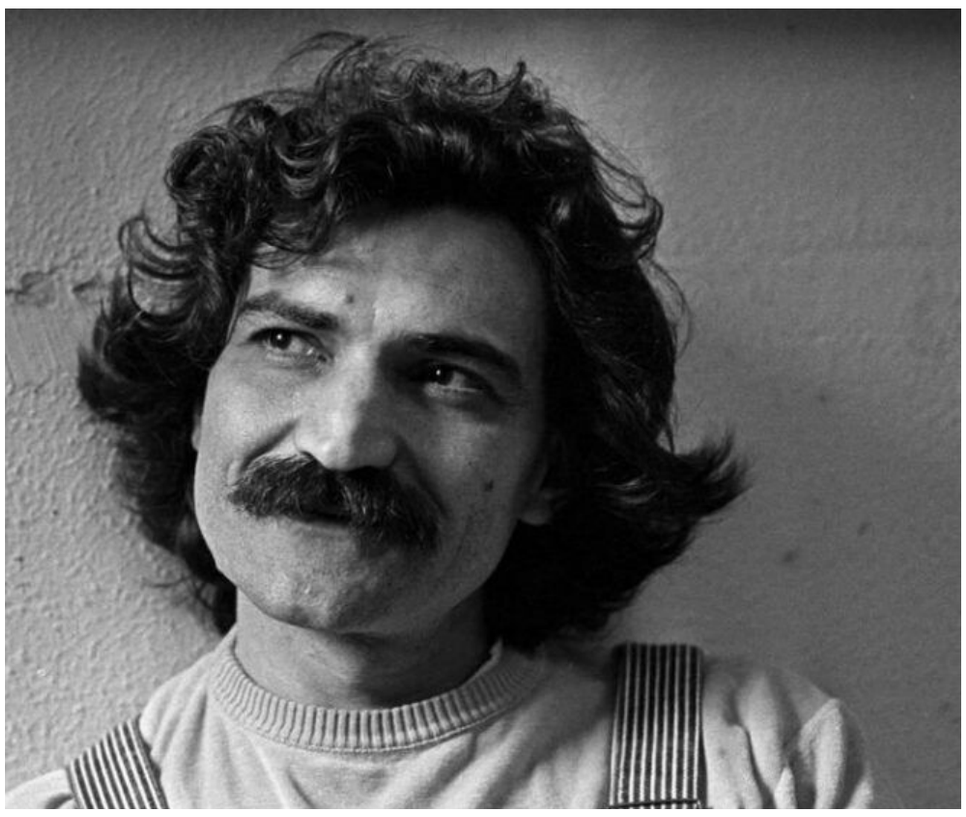


O livro S. Bernardo, de Graciliano Ramos, conta a história de Paulo Honório, um homem simples, que movido por ambição e determinação a ascender socialmente, acaba transformando-se em um grande fazendeiro do sertão de Alagoas e casa-se com Madalena para conseguir um herdeiro. Incapaz de entender a forma humanitária pela qual a mulher vê o mundo, ele tenta anulá-la com seu autoritarismo. Com este personagem, o autor mostra o perfil da vida e do caráter de um homem rude e egoísta, do jogo de poder e da solidão, onde não há espaço para a amizade e nem para o amor.Em 1972, a obra foi adaptada e tornou-se roteiro do filme S. Bernardo dirigido por Leon Hirszman.

Canção: Velha Roupa Colorida

Autor: Belchior

Disponível em: Youtube.



Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

Nunca mais teu pai falou: She's leaving home
E meteu o pé na estrada like a Rolling Stone
Nunca mais você buscou sua menina
Para correr no seu carro, loucura, chiclete e som
Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento
Amor e flor que é do cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

Como Poe, poeta louco americano
Eu pergunto ao passarinho: Blackbird, o que se faz?
Raven never raven never raven
Blackbird me responde
Tudo já ficou pra trás
Raven never raven never raven
Assum-preto me responde
O passado nunca mais

Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

E precisamos rejuvenescer

Documentário: O Dilema das Redes

Direção: Jeff Orlowski

Ano: 2020

Disponível em: Netflix.

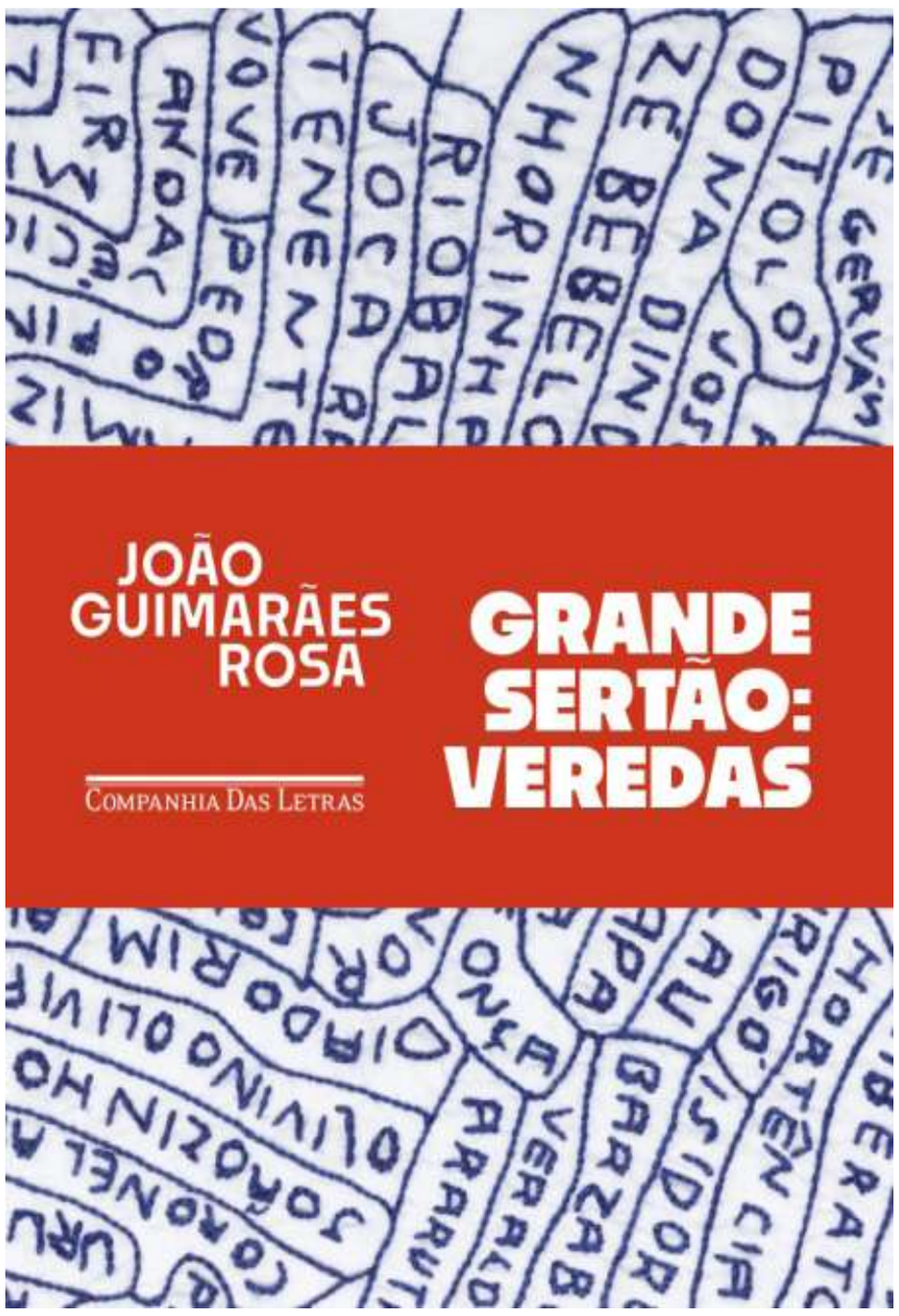
O Dilema das Redes mostra o impacto das redes sociais na vida dos indivíduos, na sociedade e até mesmo nos governos ao redor do mundo. Especialistas em tecnologia e profissionais da área fazem um alerta: as redes sociais podem ter um impacto devastador sobre a democracia e a humanidade. Eles revelam como as plataformas de mídias sociais estão reprogramando a sociedade e sua forma de enxergar a vida.

"Se você não paga pelo produto, o produto é você"

Livro: Grande Sertão: veredas

Autor: João Guimarães Rosa

Ano: 1956 (Primeira publicação)



Publicado originalmente em 1956, Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, revolucionou a literatura brasileira e segue despertando o interesse de novos leitores. A obra, uma das mais importantes da literatura brasileira, é elogiada pela linguagem e pela originalidade de estilo presentes no relato de Riobaldo, ex-jagunço que relembra suas lutas, seus medos e o amor reprimido por Diadorim. Foi traduzida para muitas línguas e recebeu diversos prêmios, dos quais se destaca o Prêmio Machado de Assis, recebido em 1961.

"Viver é negócio muito perigoso"

Canção: Gracias a la vida
Compositora: Violeta Parra

Disponível em: Youtube.

Violeta del Carmen Parra Sandoval – cantora, compositora, poeta, artesã, artista plástica e folclorista – foi uma das mais importantes referências da música no Chile. No último domingo (04 de outubro), foi comemorado 103 anos do seu nascimento.

Suas realizações foram a base para o desenvolvimento do movimento estético-musical-político Nueva Canción Chilena, nas décadas de 1960-1970. O movimento tinha base nas culturas populares tradicionais e no ativismo político de esquerda. Violeta Parra pode ser considerada uma das principais compositoras comprometidas com a luta dos oprimidos e explorados.

As obras e realizações da artista estão preservadas na Fundación Violeta Parra, inaugurada oficialmente em 1991, onde se promove a cultura e as artes em geral.

Seu legado é inestimável para a música engajada latino-americana. Sua história foi contada em 2011 no filme Violeta foi para o Céu, do diretor Andrés Wood.

Gracias a la vida
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que, cuando los abro
Perfecto distingo, lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes, el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Graba noche y días, grillos y canarios
Martillos, turbinas, ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con él, las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando

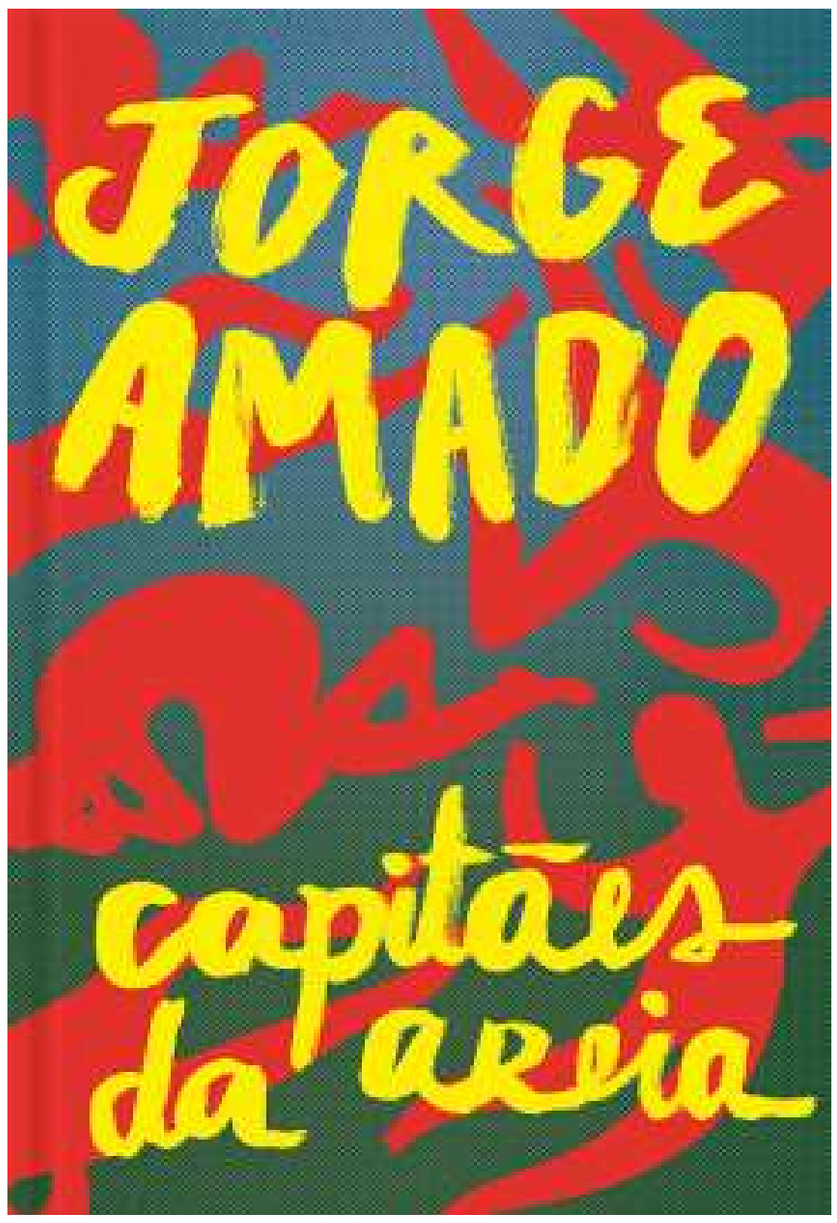
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve, ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno, tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo, dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes, que es el mismo canto

Y el canto de todos que es mi propio canto
Gracias a la vida

Livro: Capitães de Areia
Autor: Jorge Amado
Ano: 1937 (Primeira edição)



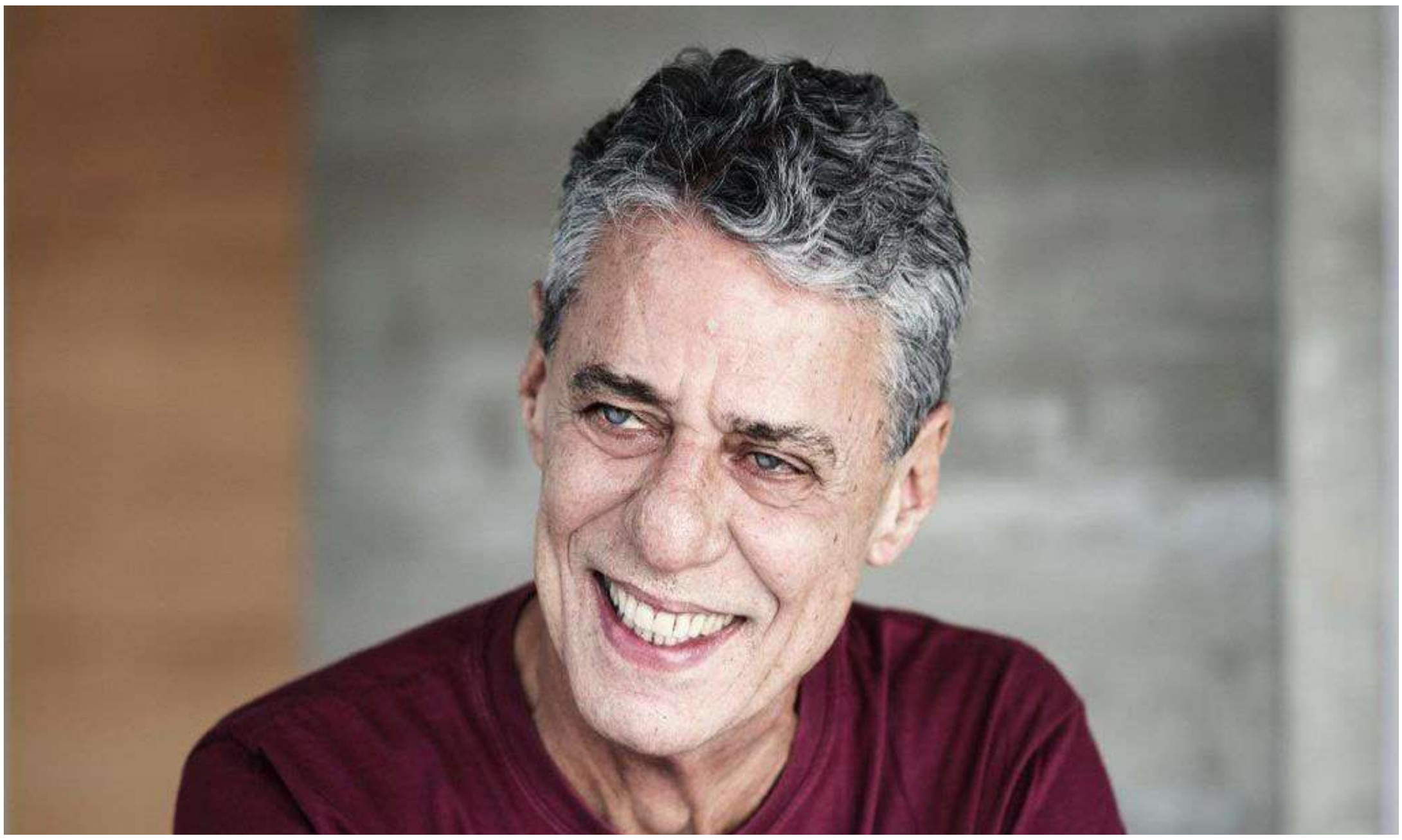
Capitães da Areia é um romance de autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, escrito em 1937. A obra retrata a vida de um grupo de menores abandonados, que crescem nas ruas da cidade de Salvador, Bahia, vivendo em um armazém, roubando para sobreviver. O nome faz referência aos meninos, os capitães de areia. O escritor foi um dos primeiros a abordar a questão dos menores de rua de uma perspectiva social e não simplesmente policial. A obra foi censurada pelo governo de Getúlio Vargas e Jorge Amado foi preso durante o Estado Novo. A obra foi transformada em filme, Capitães de Areia (2011), dirigido por Cecília Amado, neta de Jorge Amado.

"A liberdade é como o sol. É o bem maior do mundo."

Filme: Pão e Rosas
Direção: Ken Loach
Ano: 2000

Disponível em: YouTube.

O filme Pão e Rosas, do diretor Ken Loach, mostra a realidade de imigrantes ilegais nos Estados Unidos - desde os perigos da travessia até a busca de trabalho. As irmãs Maya (Pilar Padilla) e Rosa (Elpidia Carrillo) trabalham no serviço de limpeza de um prédio comercial no centro de Los Angeles. Maya conhece Sam (Adrien Brody) um ativista sindical, e se engaja em uma campanha em defesa dos direitos trabalhistas. Os patrões resistem às ameaças e cultivam o medo da extradição que impera entre os estrangeiros ilegais. A obra se baseia numa mobilização real ocorrida em Los Angeles no ano de 1990 e traz, junto à discussão dos direitos trabalhistas e sindicais, a questão da imigração nos EUA, especialmente de mexicanos e caribenhos.



Canção: Construção

Compositor: Chico Buarque

Disponível em: Youtube.

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas

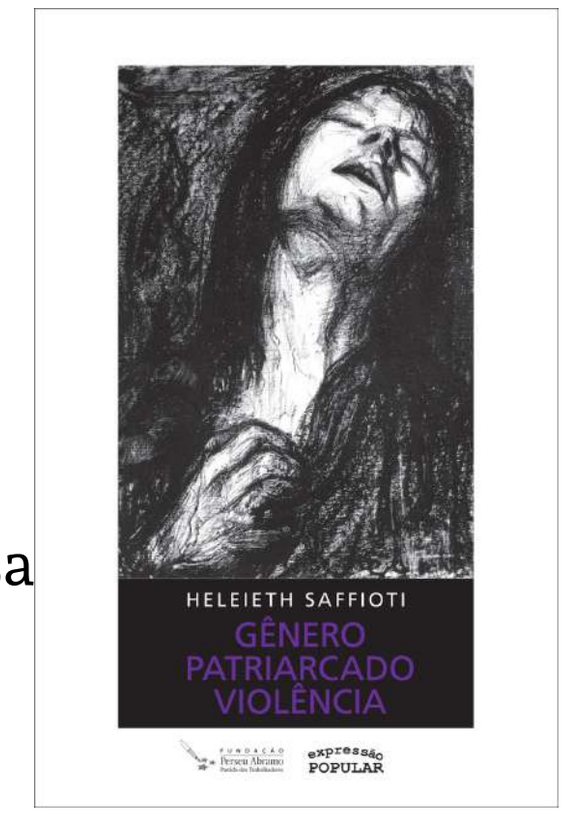
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague

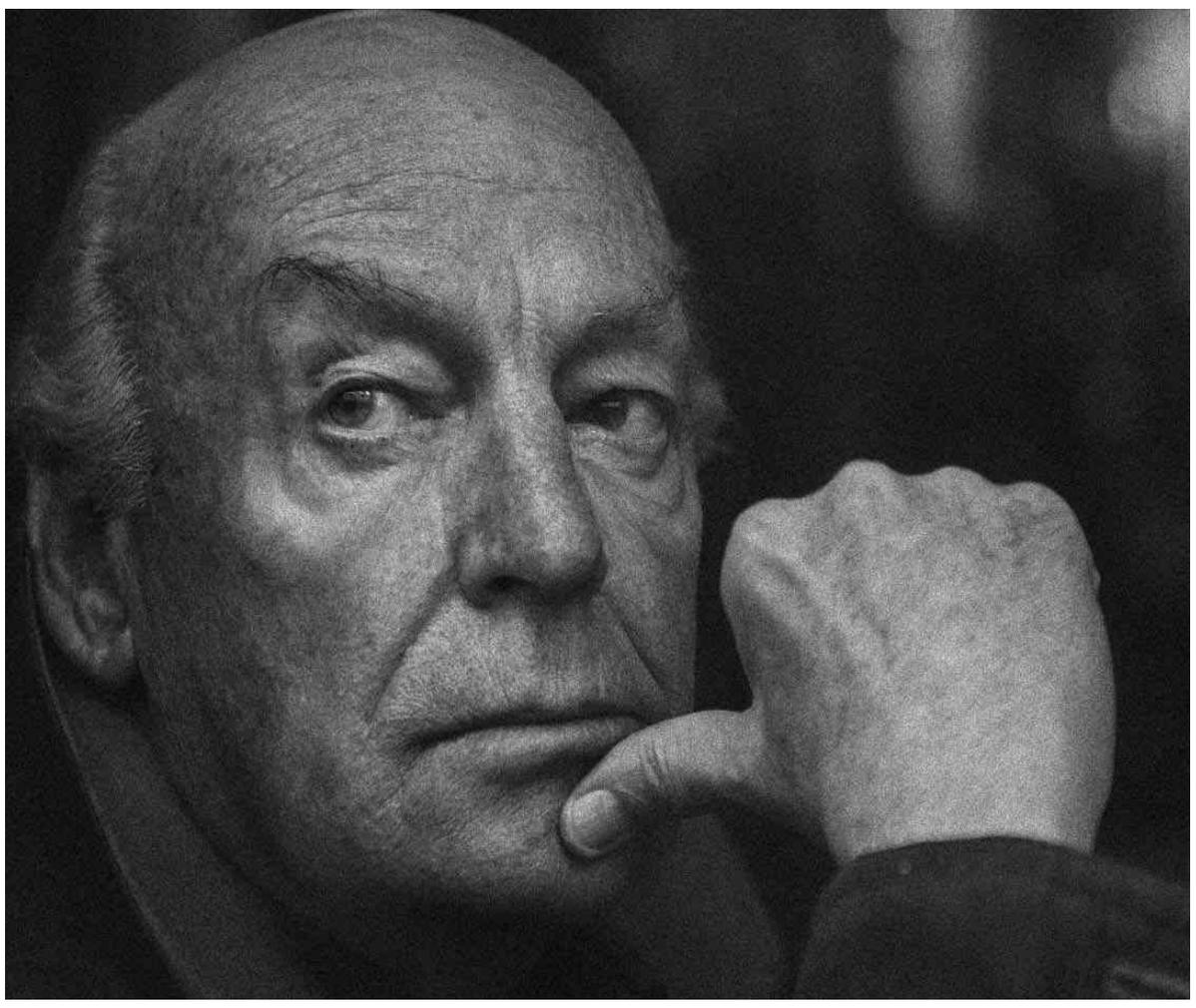
Livro: Gênero, patriarcado, violência
Autor: Heleieth Saffioti
Ano: 2004 (Primeira edição)



A autora foi uma socióloga marxista, professora, estudiosa da violência de gênero e militante feminista brasileira.

Poema: Os ninguéns
Autor: Eduardo Galeano
Livro: O livro dos abraços
Ano: 1991 (1ª edição)

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.



Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:
Que não são embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não tem cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Canção: A mulher do fim do mundo

Cantora: Elza Soares

Disponível em: Youtube.

Elza Soares - uma das maiores e mais importantes artistas do Brasil e do mundo. Sua voz, seu talento e sua garra fazem da artista uma inspiração de luta tanto no campo profissional quanto no campo pessoal.

Elza já recebeu diversos prêmios, entre eles já foi eleita pela Rádio BBC Londres como cantora brasileira do milênio (1999) e aparece na lista das 100 maiores vozes da música brasileira da revista Rolling Stone Brasil.

A cantora nasceu na favela carioca de Moça Bonita(atual Vila Vintém), em 23 de julho de 1930. Aos 12 anos foi forçada a se casar e com 13 já era mãe. Sua primeira apresentação em público, aos 13 anos, foi escondida da família no consagrado programa de calouros da Rádio Tupi. Ela buscava conseguir dinheiro para salvar o filho doente, que faleceu logo depois.

Elza é um exemplo de mulher de luta: encarou a fome, a pobreza, o casamento na infância, a ditadura militar, a morte de quatro dos seus sete filhos, a violência doméstica e um terrível problema na coluna.

A história da cantora é retratada no documentário My name is now (2018), da diretora Elizabete Martins Campos.

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qualé

Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qualé

Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar

Cantar
Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar, me deixem cantar até o fim

Filme: Chico Rei

Direção: Walter Lima Jr.

Ano: 1985

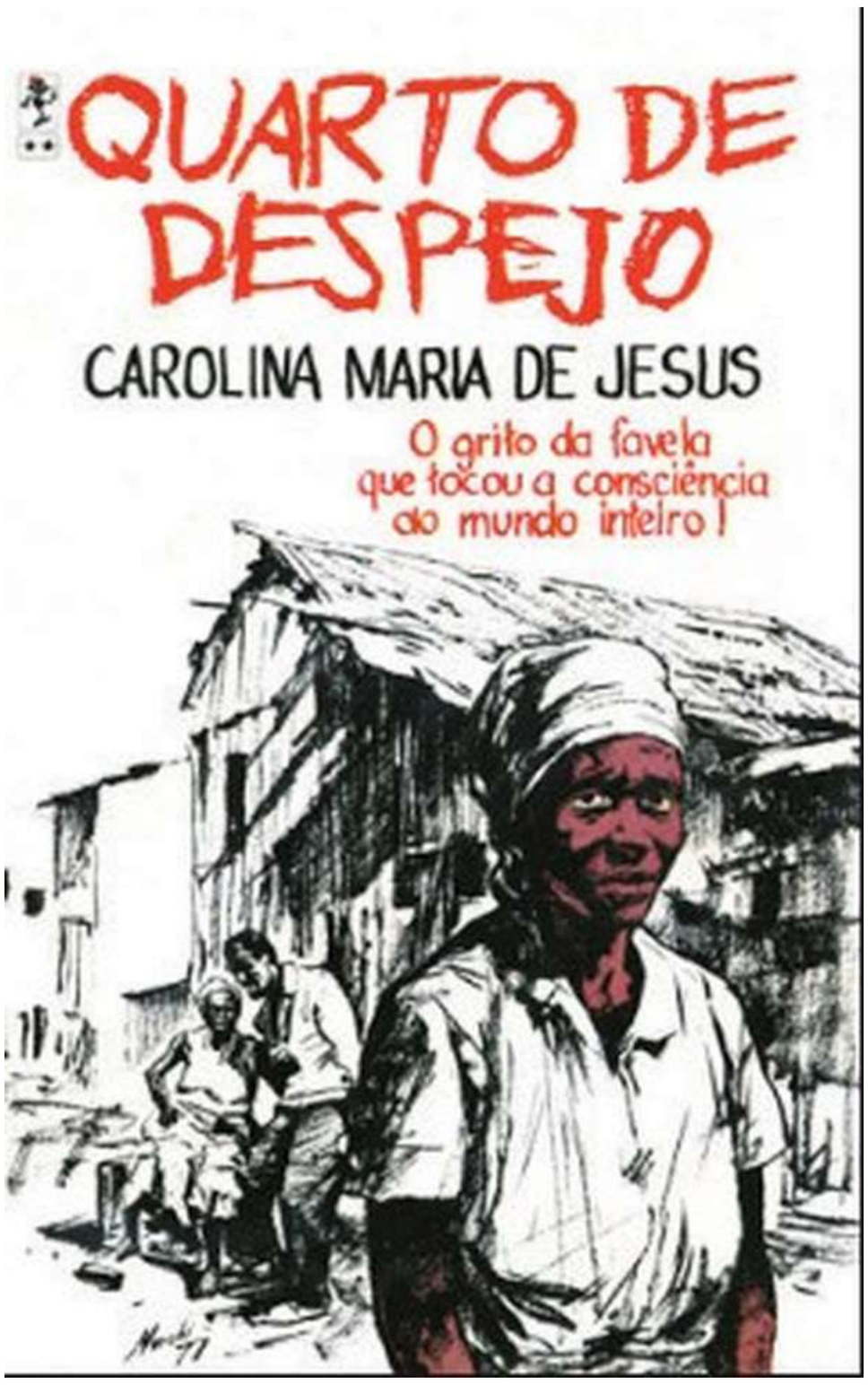
Disponível no Youtube.

Chico Rei é um filme brasileiro de 1985, dirigido por Walter Lima Jr. A obra narra a história de um negro, Galanga (Severo D'Acelino), Rei no Congo, que é aprisionado e vendido como escravo para o Brasil. Trazido num navio negreiro, recebe o nome de Chico Rei e vai trabalhar nas minas de ouro de Vila Rica (hoje Ouro Preto), Minas Gerais. Após trabalhar forçadamente como escravo, escondendo pepitas no corpo e nos cabelos, Chico Rei consegue comprar sua alforria e de outros negros escravizados.

Livro: Quarto de despejo - Diário de uma favelada

Autora: Carolina Maria de Jesus

Ano: 1960 (Primeira edição)



Do diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus surgiu Quarto de Despejo, que relata o cotidiano da vida na favela. Com linguagem simples e original, a autora comove o leitor pelo realismo e pela sensibilidade na maneira de contar o que viu, viveu e sentiu durante os anos em que morou na comunidade Canindé, em São Paulo, com seus três filhos. Apaixonada por livros, ela escrevia nas folhas de seus cadernos, que, mais tarde, tornaram-se públicas por meio desta obra única. Quarto de despejo foi traduzido para treze idiomas. Carolina denuncia a miséria, a fome e a violência sofrida por ela e seus vizinhos. A autora é considerada referência para estudos sobre a sociedade brasileira.

Canção: Fé Cega, Faca Amolada
Compositor: Milton Nascimento e Ronaldo Bastos

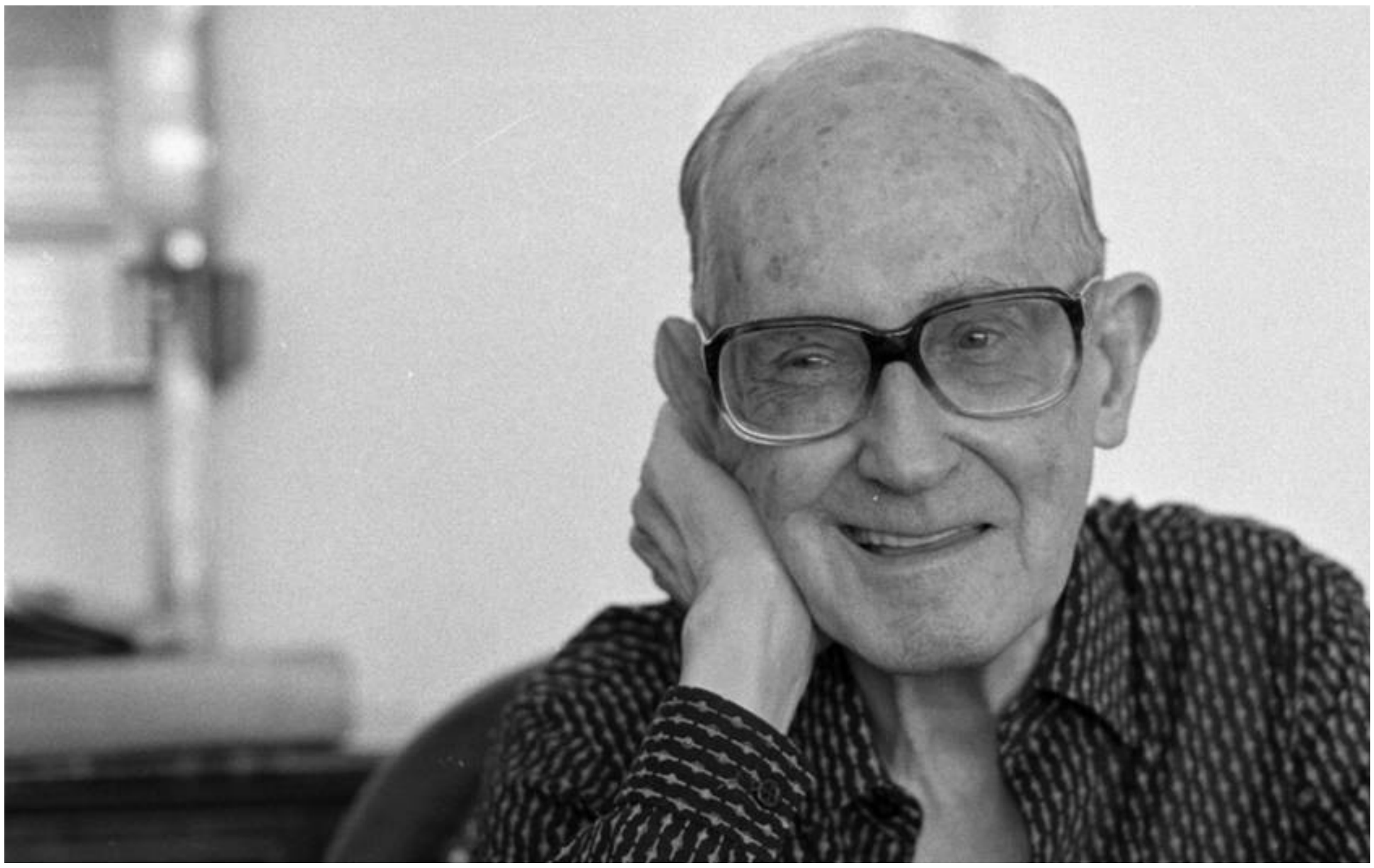
Disponível em Youtube.

Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada
Agora não espero mais aquela madrugada
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada

Deixar a sua luz brilhar e ser muito tranquilo
Deixar o seu amor crescer e ser muito tranquilo
Brilhar, brilhar, acontecer, brilhar faca amolada
Irmão, irmã, irmã, irmão de fé faca amolada

Plantar o trigo e refazer o pão de cada dia (Plantar o trigo e refazer o pão de todo dia)
Beber o vinho e renascer na luz de todo dia (Beber o vinho e renascer na luz de cada dia)
A fé, a fé, paixão e fé, a fé, faca amolada
O chão, o chão, o sal da terra, o chão, faca amolada

Deixar a sua luz brilhar no pão de todo dia
Deixar o seu amor crescer na luz de cada dia
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser muito tranquilo
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada.



Poema: A flor e a náusea

Autor: Carlos Drummond de Andrade

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitar esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

[A rosa do povo]

Canção: Inumeráveis

Intérprete: Chico César

Disponível em: Youtube.

A canção Inumeráveis homenageia as vítimas da covid-19 no Brasil. O cantor paraibano Chico César interpreta a canção a partir do poema escrito por Bráulio Bessa. A letra compila dados do Memorial Inumeráveis dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no país. Pela forma poética-musical chamamos a atenção para o agravamento da situação da pandemia no país. Inúmeras vidas de docentes, técnicos e técnicas-administrativas e estudantes já foram ceifadas pela doença e em decorrência do descaso governamental em relação ao enfrentamento que a pandemia requer.

Andre Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho.
O Bruno Campelo seguiu seu caminho
Tornou-se enfermeiro por puro amor.
Já Carlos Antônio, era cobrador
Estava ansioso pra se aposentar.
A Diva Thereza amava tocar
Seu belo piano de forma eloquente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Elaine Cristina, grande paratleta
fez três faculdades e ganhou medalhas
Felipe Pedrosa vencia as batalhas
Dirigindo Uber em busca da meta.
Gastão Dias Junior, pessoa discreta
na pediatria escolheu se doar

Horácia Coutinho e seu dom de cuidar
De cada amigo e de cada parente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

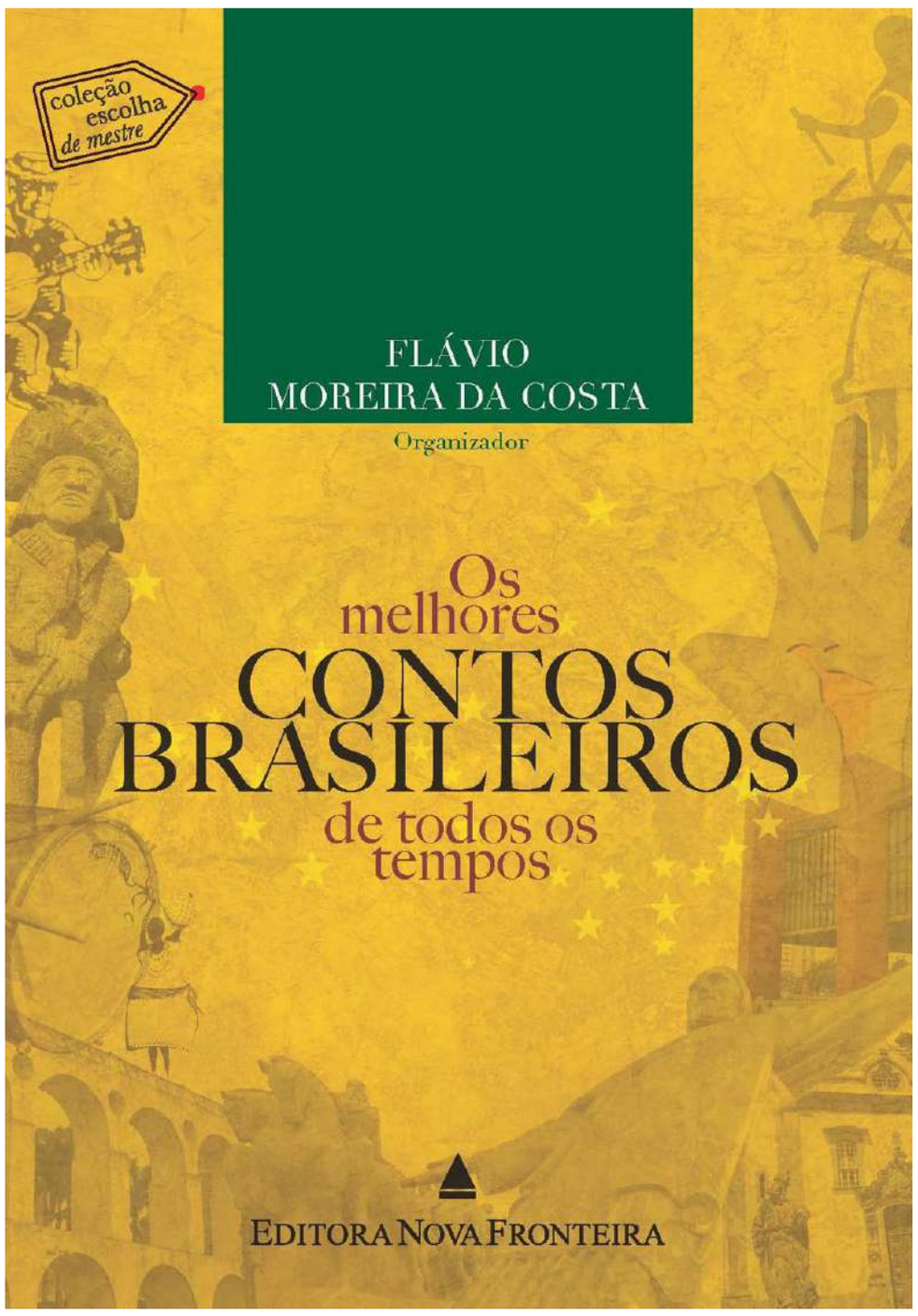
Iramar Carneiro, heroi da estrada
foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.
Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene uma mãe dedicada.
Lenita Maria, era muito animada
baiana de escola de samba a sambar
Margarida Veras amava ensinar
era professora bondosa e presente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Norberto Eugênio era jogador
piloto, artista, multifuncional.
Olinda Menezes amava o natal.
Pasqual Stefano dentista, pintor
Curtia cinema, mais um sonhador
Que na pandemia parou de sonhar.
A vó da Camily não vai lhe abraçar
com Quitéria Melo não foi diferente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Raimundo dos Santos, um homem guerreiro
O senhor dos rios, dos peixes também
Salvador José, baiano do bem
Bebia cerveja e era roqueiro.
Terezinha Maia sorria ligeiro
cuidava das plantas, cuidava do lar
Vanessa dos Santos era luz solar
mulher colorida e irreverente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial
pra netos e filhos fazia banquete.
Yvonne Martins fazia um sorvete
Das mangas tiradas do pé no quintal
Zulmira de Sousa, esposa leal
falava com Deus, vivia a rezar.
O X da questão talvez seja amar
por isso não seja tão indiferente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Livro: Os melhores contos brasileiros de todos os tempos
Organizador: Flávio Moreira da Costa
Ano: 2009



O livro organizado por Flávio Moreira Costa é uma obra representativa de todas as épocas da literatura brasileira. Dividido em dez seções, Os melhores contos brasileiros de todos os tempos mescla textos conhecidos com outros esquecidos na história. O livro reúne cerca de 90 contos, desde o Romantismo no século XIX, passando por outros períodos e estilos. A obra tem contos de Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles, entre outros.

Livro: Mineração Realidades e Resistências
Organizadores: Murilo da Silva Alves, Karine Gonçalves Carneiro, Tatiana Ribeiro de Souza, Charles Trocate, Marcio Zonta
Ano: 2020

Disponível em: *Site da ADUFOP.*

Diante de impactos e tragédias oriundos do modelo de mineração implementado no Brasil, os organizadores do livro reuniram pessoas, movimentos populares e instituições que constroem resistências a essa forma de exploração e expropriação mineral no país. O livro auxilia nos processos de formação e nas lutas por direitos nas comunidades atingidas e nos territórios afetados pela mineração. O livro pode ser baixado por qualquer pessoa, gratuitamente, nos sites da ADUFOP, Projeto Brasil Popular (PBP), o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM).

Canção: E Por Falar No Rei Pelé?!

Autor: Gonzaguinha

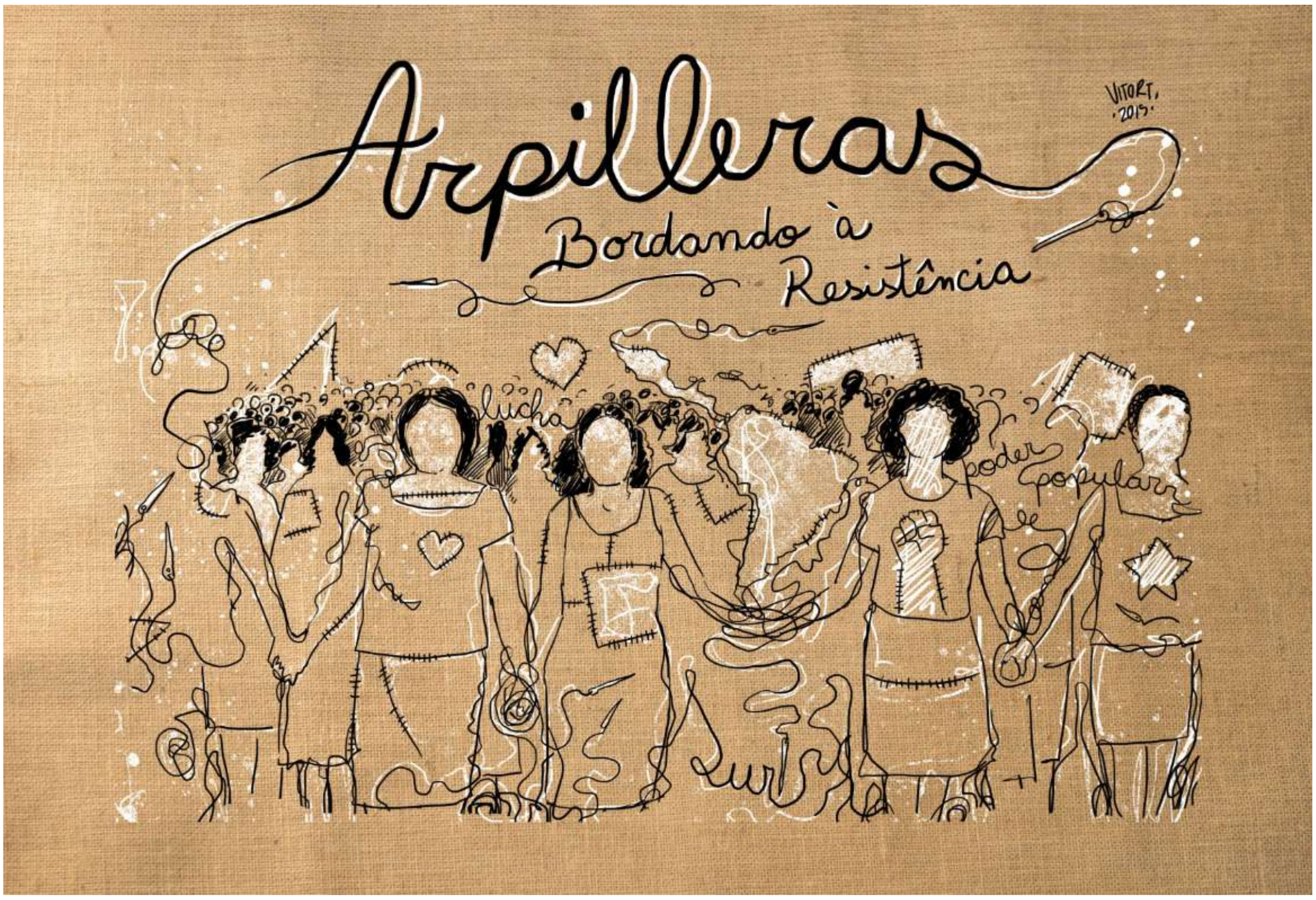
Disponível em: Youtube.

Craque mesmo é o povo brasileiro
corre em campo, se esforça o tempo inteiro
Via pra ponta e centra e cabeceia
e ele mesmo é o goleiro que escanteia
e o gandula que apanha no fosso a pelota
e a galera que a equipe incendeia

Craque mesmo é o povo brasileiro
carregando esse time de terceira divisão
nesse jogo sem gol, mas que emoção,
couro cru também é um mata fome!

Sempre um bamba se esquece
e a bola come, ele tá com fome
sempre um morre, é fatal a indigestão

Craque mesmo é o povo brasileiro
com os homens em cima na marcação
transformando a partida em pedreira
uma rinha sem gol, mas que emoção
na redonda ele se atira qual leão
tá pensando que é um prato cheio de feijão



Filme: Arpilleras - Atingidas Por Barragens Bordando a Resistência

Direção: Coletivo de Mulheres do MAB

Ano: 2017

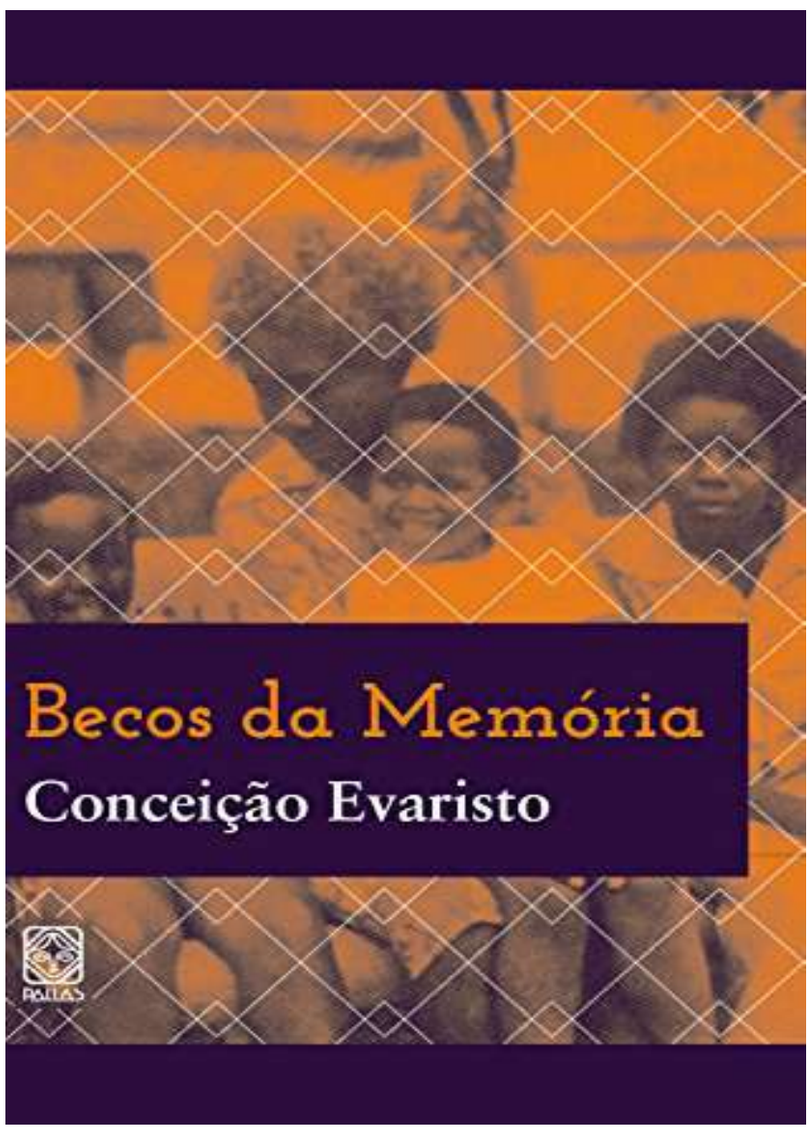
Disponível em: Youtube.

O filme "Arpilleras" conta a história de dez mulheres atingidas por barragens das cinco regiões do Brasil que, por meio de uma técnica de bordado surgida no Chile durante a ditadura militar, costuraram seus relatos de dor, luta e superação frente às violações sofridas em suas vidas cotidianas. A costura, que sempre foi vista como tarefa do lar, transformou-se numa ferramenta poderosa de resistência, de denúncia e empoderamento feminino.

Livro: Becos da Memória

Autora: Conceição Evaristo

Ano: 2011



Becos da memória é um dos mais importantes romances memorialistas da literatura contemporânea brasileira. A autora traduz, a partir de seus muitos personagens, a complexidade humana e os sentimentos profundos dos que enfrentam cotidianamente o desamparo, o preconceito, a fome e a miséria. Centrado no drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida, a obra se desenvolve sob o olhar de uma menina de 13 anos, a narradora Maria-Nova, que vive todo o processo e se torna porta-voz das alegrias e sofrimentos dos demais.

Canção: Cartomante

Intérprete: Elis Regina

Disponível em: *Youtube.*

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranqüilo
Haja o que houver pense nos seus filhos

Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida

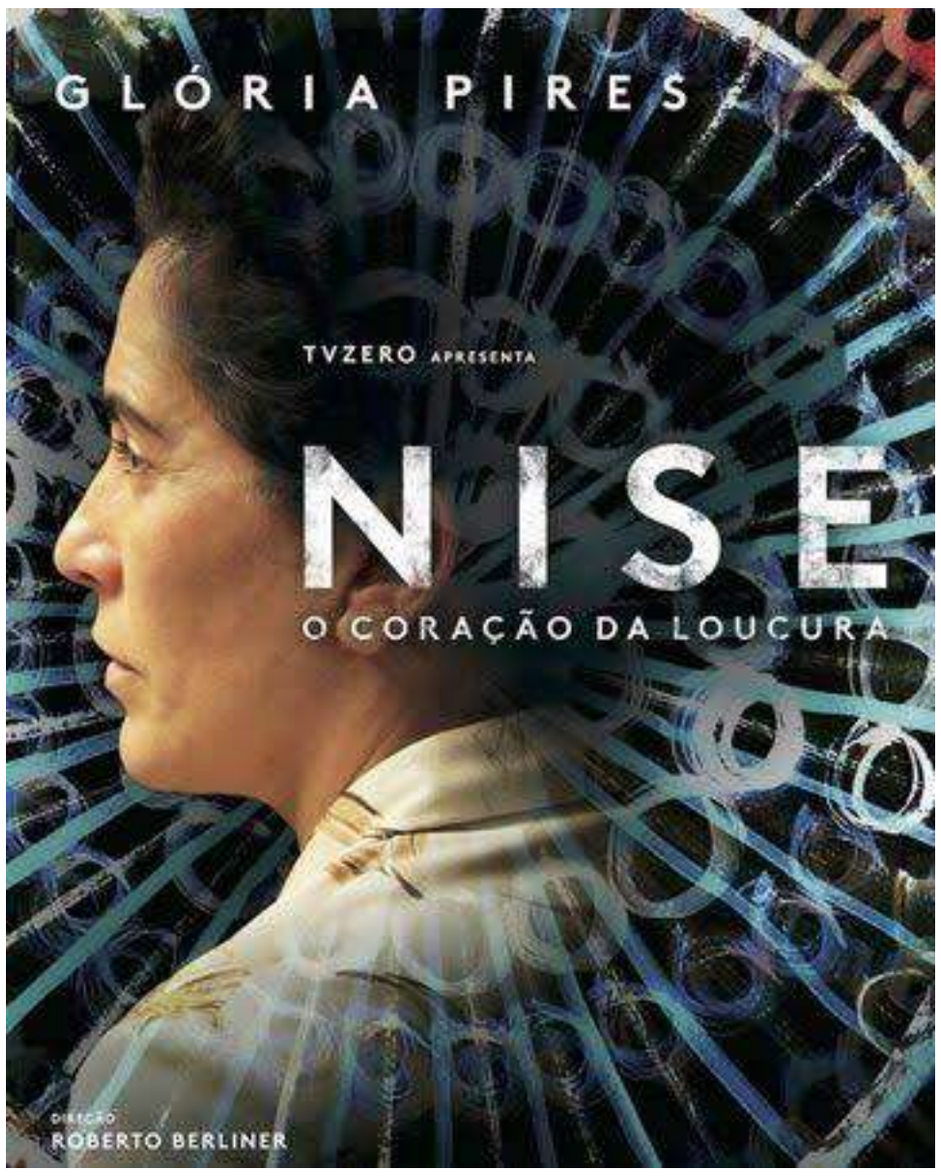
Nos dias de hoje não lhes dê motivo
Porque na verdade eu te quero vivo
Tenha paciência, Deus está contigo
Deus está conosco até o pescoço

Já está escrito, já está previsto
Por todas as videntes, pelas cartomantes
Tá tudo nas cartas, em todas as estrelas
No jogo dos búzios e nas profecias

Cai o rei de Espadas
Cai o rei de Ouros
Cai o rei de Paus
Cai não fica nada

Filme: Nise - O coração da loucura
Direção: Roberto Berliner

Disponível em: Youtube.



Nise - O coração da loucura é um filme brasileiro baseado em fatos reais e tem como temática central a ruptura do sistema manicomial existente na década de 1950. O filme relata a luta enfrentada pela psiquiatra Nise da Silveira, a qual se recusava a utilizar as técnicas da lobotomia e do eletrochoque em pacientes considerados perigosos e com quadros psiquiátricos compreendidos como crônicos e irreversíveis. Ela inicia uma nova forma de lidar com os pacientes, pelo amor e a arte.

Livro: Cem Anos de solidão
Autor: Gabriel García Márquez
Ano: 1967

Cem anos de solidão é uma obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel da Literatura em 1982, e é atualmente considerada uma das obras mais importantes da literatura latino-americana. Na obra, o autor narra a história da família Buendía e apresenta o universo do vilarejo fictício Macondo, onde se passa o romance. O livro conta a história de diversas gerações dessa família, assim como a ascensão e a queda de Macondo. Cem anos de solidão é uma obra grandiosa e atemporal, sobre a qual é possível construir diversos paralelos com a nossa própria existência.

"As coisas têm vida própria. Tudo é questão de despertar a sua alma."

Documentário: Narrativas docentes - Luta das Mulheres

Disponível em: Youtube.

O documentário "Narrativas docentes: Luta das Mulheres" é resultado de uma resolução do 36º Congresso do ANDES-SN e busca visibilizar as trajetórias de militância das mulheres no movimento docente. As gravações para este filme foram iniciadas na Gestão Biênio 2018-2020 e finalizadas na Gestão Biênio 2020-2022. Assista o documentário no YouTube do ANDES-SN.

Música: Funeral de um lavrador

Intérprete: Chico Buarque

Disponível em: Youtube.

Esta cova em que estás com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É a conta menor que tiraste em vida

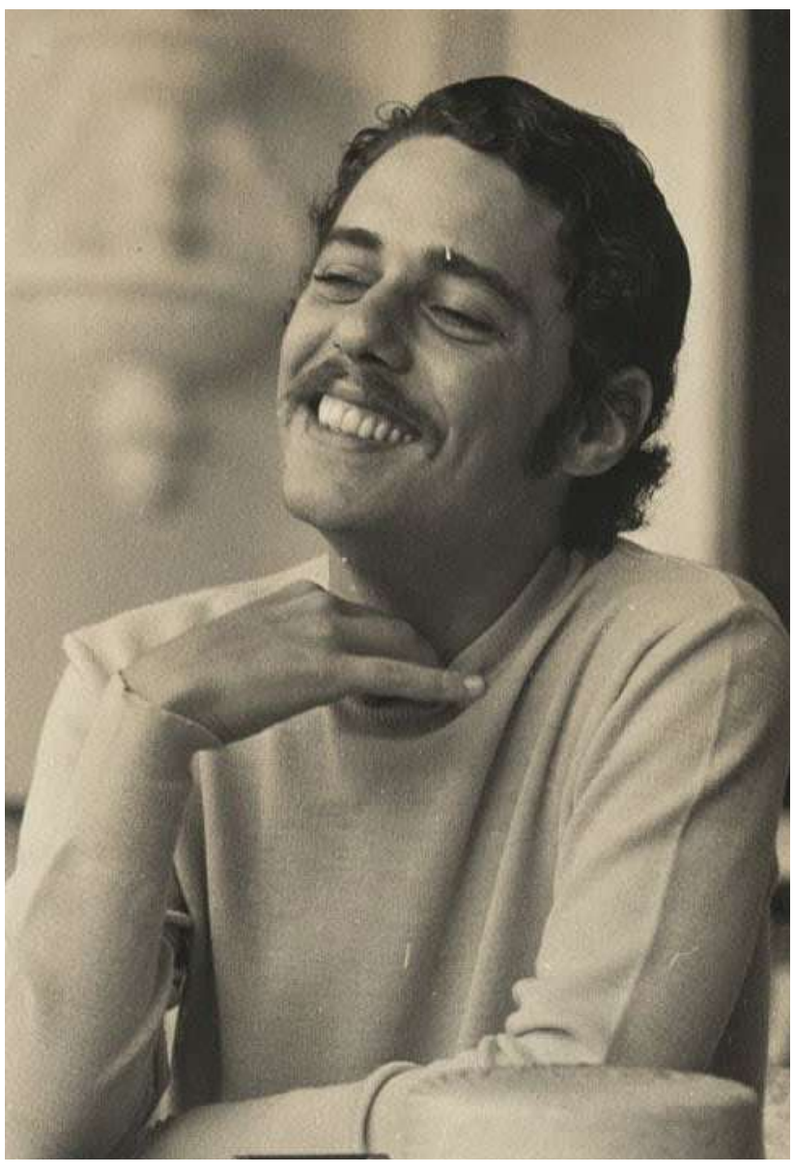
É de bom tamanho nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É a terra que querias ver dividida

É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
Estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo te sentirás largo
Porém mais que no mundo te sentirás largo
É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra dada, não se abre a boca

É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a terra que querias ver dividida
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas a terra dada, não se abre a boca



Obra: Do Porfirismo à Revolução

Autor: David Alfaro Siqueiros

David Alfaro Siqueiros foi um dos maiores pintores mexicanos. Foi um importante representante do Expressionismo e do Muralismo, no século XX.

Os temas mais recorrentes em suas obras são a revolução mexicana e o povo do país. Ele fez de sua pintura uma intervenção política de crítica à sociedade capitalista, à burguesia e às desigualdades sociais.

A ADUFOP compartilha essa obra em referência ao dia 1º de maio, Dia Internacional do/a trabalhador/a. A arte é um potente instrumento para as lutas e para a potencialização do gênero humano. Que superemos todas as mazelas do tempo presente e que possamos comemorar nossa existência.

Canção: Como pajaros en el aire

Intérprete: Mercedes Sosa

Disponível em: Youtube.

Las manos de mi madre
Son como pájaros en el aire
Historias de cocina
Entre sus alas heridas
De hambre.

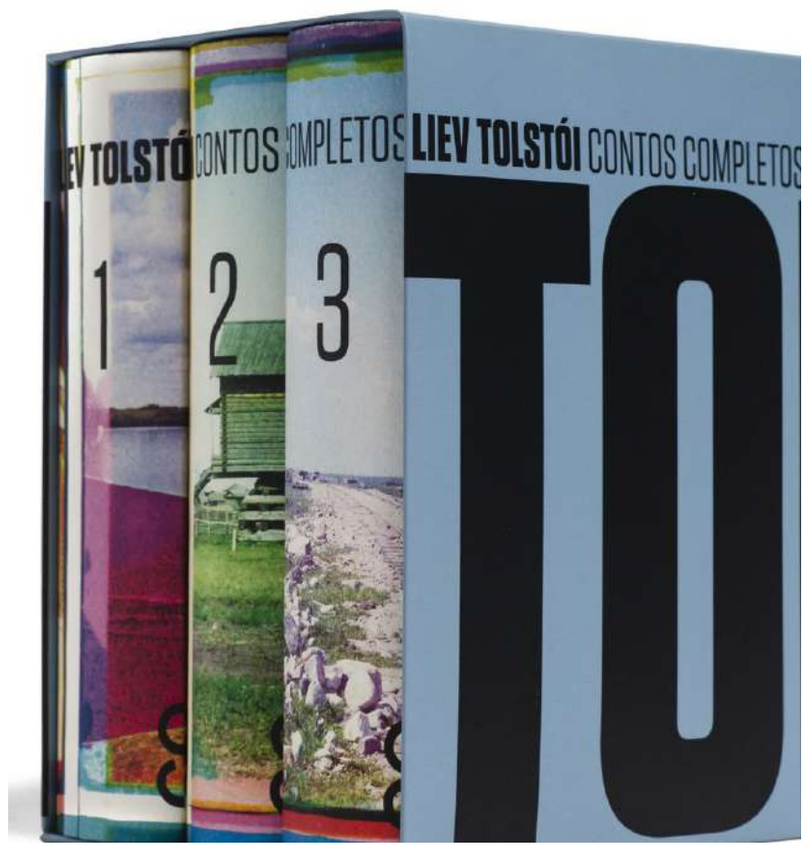
Las manos de mi madre
Saben que ocurre
Por las mañanas
Cuando amasa la vida
Hornos de barro
Pan de esperanza.

Las manos de mi madre
Llegan al patio desde temprano
Todo se vuelve fiesta
Cuando ellas vuelan
Junto a otros pájaros
Junto a los pájaros
Que aman la vida
Y la construyen con el trabajo
Arde la leña, harina y barro
Lo cotidiano
Se vuelve mágico.

Las manos de mi madre
Me representan un cielo abierto
Y un recuerdo añorado
Trapos calientes en los inviernos.

Ellas se brindan cálidas
Nobles, sinceras, limpias de todo
¿Cómo serán las manos
Del que las mueve
Gracias al odio?

Box: Contos Completos
Autor: Liev Tolstói



Liev Tolstói (1828 – 1910) foi um escritor russo e um dos grandes nomes da literatura mundial. Os contos foram escritos entre a década de 1850 e o início do século XX. Tolstói dedicou sua atenção aos camponeses, às classes baixas e àqueles que estavam em conflito com a ordem dominante.

Canção: Saga da Amazônia
Compositor: Vital Farias

Disponível em: Youtube.

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era: Fauna, flora, frutos e flores

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão-de-ferro, prá comer muita madeira
E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar
Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar
Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar?
Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

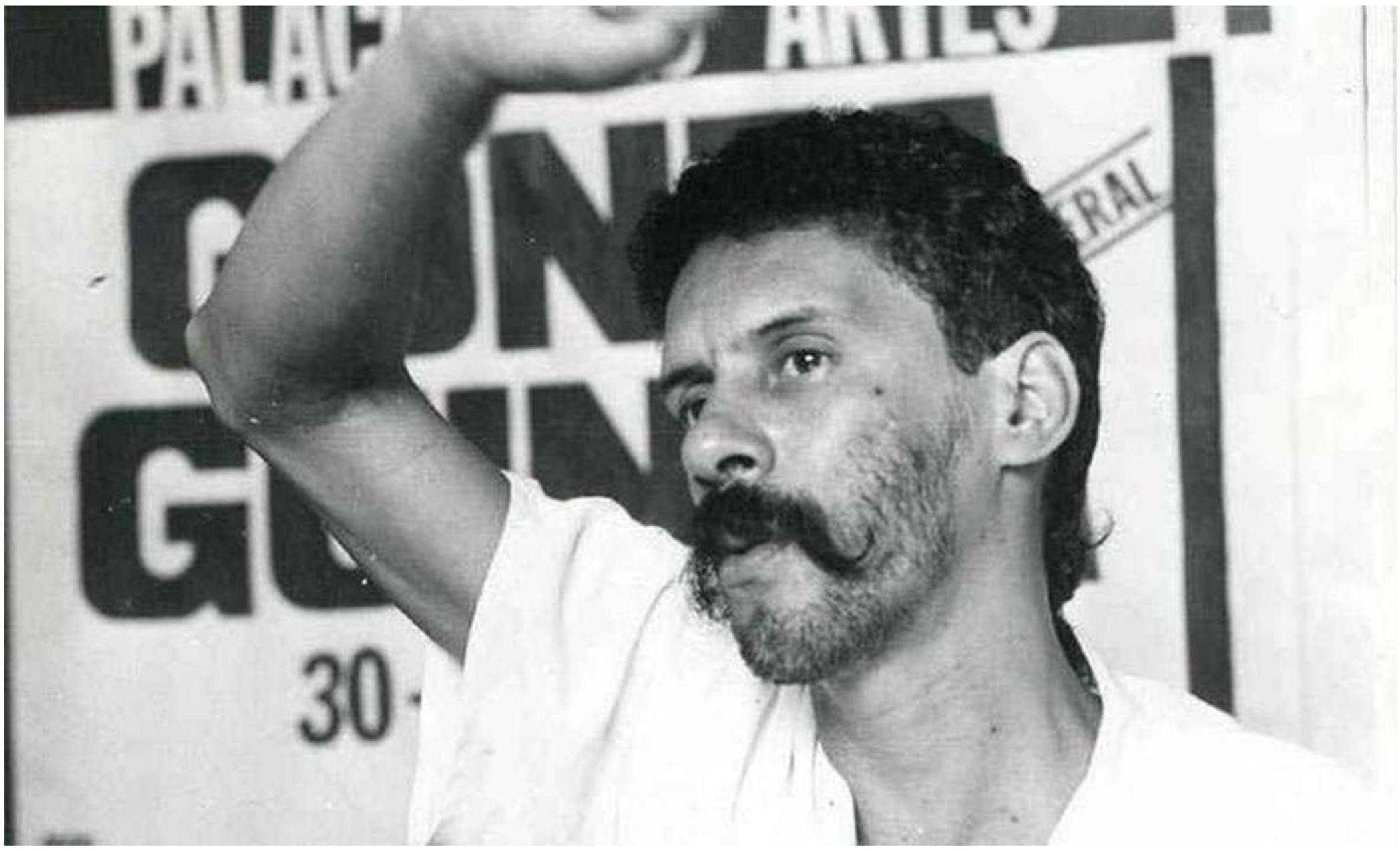
Mas o dragão continua a floresta devorar
E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar???
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá
Tartaruga: Pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região
Ficou tão penalizado que escreveu essa canção
E talvez, desesperado com tanta devastação
Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
Dentro do seu coração

Aqui termina essa história para gente de valor
Prá gente que tem memória, muita crença, muito amor
Prá defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta
Era uma vez uma floresta na Linha do Equador



Canção: É

Compositor: Gonzaguinha

Disponível em: Youtube.

É!
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É!
A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está
Com a bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

É!
A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação

É, é, é, é, é, é, é!
É!
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É!
A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está
Com a bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

É!
A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação

A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação

Filme: Arábia

Direção: João Dumans, Affonso Uchoa

Disponível em: Vimeo.

Em Ouro Preto (Minas Gerais) um jovem encontra por acaso o diário de um metalúrgico que sofreu um acidente. A leitura leva o jovem às memórias do trabalhador e às condições de vida da classe operária. O filme também mostra a cidade por trás de seus cartões postais.

Canção: Cautela/Mordaça

Intérpretes: Paulo César Pinheiro, Márcia e Eduardo Gudin

Disponível em: Youtube.

Cautela

Se não te cuidares o corpo
Cuida teu espírito torto
Que teu corpo jaz perfeito
Se não te cuidares o peito
Cuida teu olho absurdo
Que teu peito tomba morto
Diante de tudo
Se não te cuidares, cuidado
Com as armadilhas do ar
Qualquer solto som pode dar tudo errado

Mordaça

Tudo o que mais nos uniu separou
Tudo que tudo exigiu renegou
Da mesma forma que quis recusou
O que torna essa luta impossível e passiva
O mesmo alento que nos conduziu debandou
Tudo que tudo assumiu desandou
Tudo que se construiu desabou
O que faz invencível a ação negativa
É provável que o tempo faça a ilusão recuar
Pois tudo é instável e irregular
E de repente o furor volta
O interior todo se revolta
E faz nossa força se agigantar
Mas só se a vida fluir sem se opor
Mas só se o tempo seguir sem se impor
Mas só se for seja lá como for
O importante é que a nossa emoção sobreviva
E a felicidade amordace essa dor secular
Pois tudo no fundo é tão singular
É resistir ao inexorável
O coração fica insuperável
E pode em vida imortalizar

Documentário: Vidas suspensas: Crimes da Mineração

Direção: Denize Nogueira, Simone Oliveira e Sergio Portella

Disponível em: *Youtube.*

O documentário constrói uma narrativa que considera a complexidade dos rompimentos de barragens, a partir da visão das/os atingidas/os. Rompimentos criminosos das barragens de Fundão e Córrego do Feijão respondem a um projeto desenvolvimentista mundial que viola a vida cotidiana daquelas/es que habitam os territórios dominados pela mineração violenta.

Canção: Duerme negrito

Intérprete: Natalia Lafourcade

Disponível em: Youtube.

“Duerme negrito”, interpretada por Natalia Lafourcade. É uma “cancion de cuna”, uma canção de ninar em que a mãe que é obrigada a deixar o filho para trabalhar. Cantando promete ao filho trazer coisas: “codornices, rica fruta, carne de cerdo, muchas cosas”. O tom de extremo afeto, no entanto, aparece misturado a certa ameaça ao filho que não dorme. A ameaça aqui é um “diablo blanco” certamente muito mais cruel que um “boi da cara preta”.

“Duerme negrito” foi recolhida por Atahualpa Yupanqui que a ouviu de uma mulher negra na região do Caribe, fronteira entre Venezuela e Colômbia. Yupanqui é o pseudônimo de Héctor Roberto Chavero, compositor argentino que adotou o nome de dois chefes guerreiros incas, Atahualpa (1532-1533) e Túpac Yupanqui (1471-1493). Em quíchua, significa “aquele que vem de terras distantes para dizer algo”.
A postura de resistência cultural-artístico-política custou a Atahualpa Yupanqui perseguição e tortura durante a época do primeiro governo do general Juan Domingo Perón, de 1946 a 1955. Seus torturadores quebraram-lhe os dedos da mão pisoteando-a sobre uma máquina de escrever, para que nunca mais tocasse ou escrevesse. Gesto que, além de hediondo, é carregado de uma carga brutal de silenciamento simbólico.

Mas sua influência posterior foi decisiva no que viria a se tornar a canção de protesto latino-americana a partir dos anos 1950: a Nova Trova ou Nova Canção, inicialmente na Argentina e no Chile e depois se espalhando por toda a América Latina.

Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo negrito
Duerme, duerme, mobila

Que tu mama está en el campo, mobila
Te va traer codornices
Para ti
Te va a traer rica fruta
Para ti
Te va a traer carne de cerdo
Para ti
Te va a traer muchas cosas
Para ti

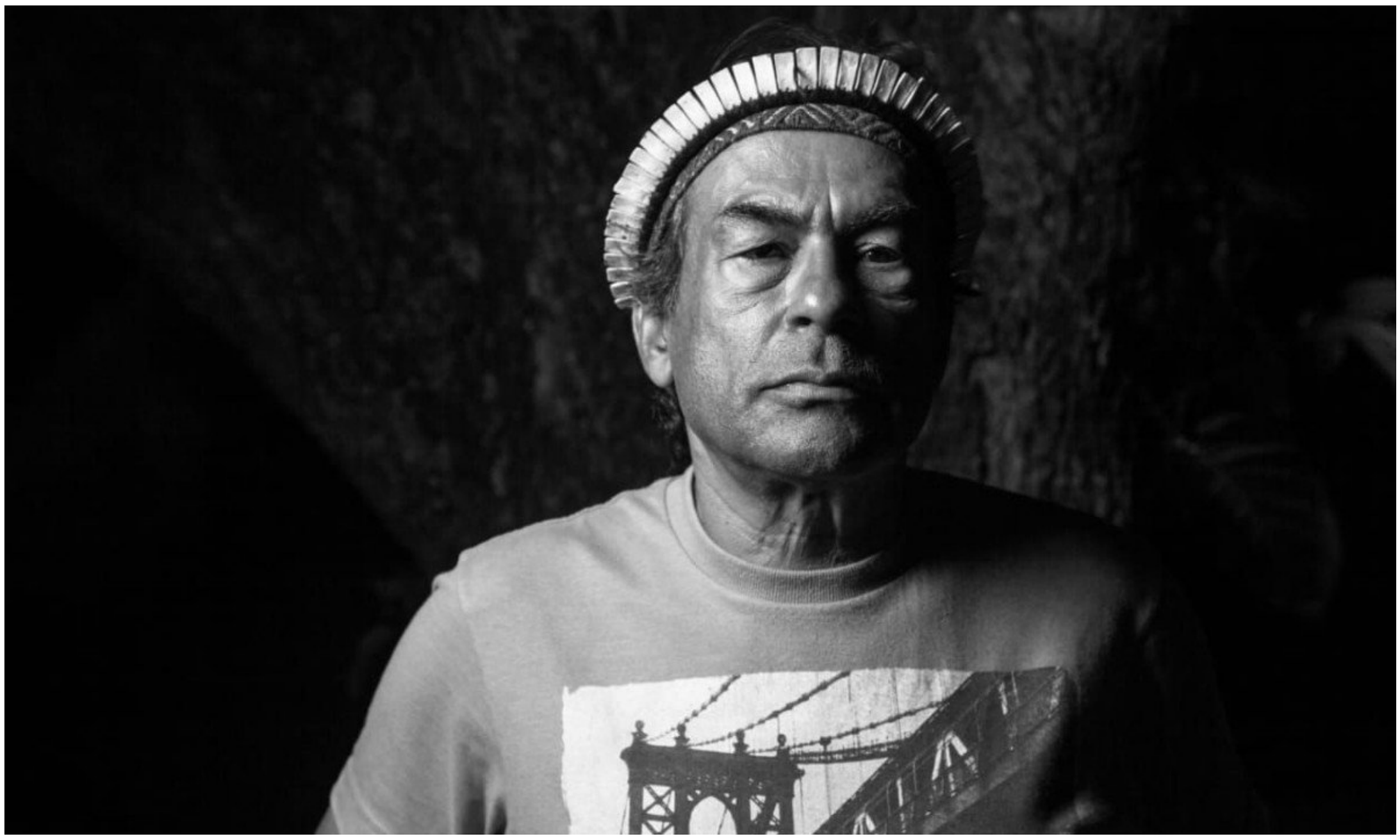
Y si el negro no se duerme
Viene el diablo blanco
Y Zas! le come la patita
Chacapumba, chacapumba, apumba, chacapumba
Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo, Negrito

Trabajando
Trabajando duramente, trabajando sí
Trabajando e va de luto, trabajando sí
Trabajando e no le pagan, trabajando sí
Trabajando e va tosiendo, trabajando sí

Para el negrito chiquitito
Para el negrito si
Trabajando sí, trabajando sí
Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo
Negrito, negrito, negrito

Obra: As duas Fridas
Autora: Frida Kahlo

Em 6 de julho de 1908, em Coyoacán, no México, nascia Magdalena Carmem Frida Kahlo y Calderón. Frida teve sua história marcada pela arte, pelas paixões e pela luta. Militante, bissexual, comunista e pessoa com deficiência, a artista participou da luta de trabalhadores mexicanos e foi filiada ao Partido Comunista Mexicano. Frida usava a arte para expressar seu estado físico e mental. De todas suas 143 pinturas, mais de 50 são autorretratos. Sua última obra foi "O marxismo trará saúde aos enfermos", de 1954, ano em que morreu.



Livro: O amanhã não está à venda

Autor: Ailton Krenak

Há vários séculos que os povos indígenas do Brasil enfrentam ameaças que podem levá-los à aniquilação total e, diante de condições extremamente adversas, reinventam seu cotidiano e suas comunidades. Quando a pandemia da Covid-19 obriga o mundo a reconsiderar seu estilo de vida, o pensamento de Ailton Krenak emerge com lucidez e pertinência.

"Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromisso, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado [...]. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã."

Música: Canção da América

Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant

Disponível em Youtube.

Amigo é coisa para se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção que na América ouvi
Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou, no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam: Não
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

Adufop

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFOP – SEÇÃO SINDICAL

ANDES

SINDICATO NACIONAL

CSP - CONLUTAS